

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

ANNANDA GALVÃO FERREIRA DA SILVA

MEU QUERIDO ERASMUS
INTERCÂMBIO COMO PRODUÇÃO CULTURAL.

Rio de Janeiro

2012

ANNANDA GALVÃO FERREIRA DA SILVA

MEU QUERIDO ERASMUS
INTERCÂMBIO COMO PRODUÇÃO CULTURAL.

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Artes de
Comunicação Social da Universidade
Federal Fluminense como requisito
parcial à obtenção do grau de Bacharel
em Produção Cultural

Orientador: Prof.Ms.Priscila Seixas da Costa

Rio de Janeiro

2012

ANNANDA GALVÃO FERREIRA DA SILVA

MEU QUERIDO ERASMUS
INTERCÂMBIO COMO PRODUÇÃO CULTURAL.

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Artes de
Comunicação Social da Universidade
Federal Fluminense como requisito
parcial à obtenção do grau de Bacharel
em Produção Cultural

Aprovada em

BANCA EXAMINADORA

Prof.Ms.Priscila Seixas da Costa

Prof. Ms. Aline Portilho

Ms. Miriane Peregrino

Em memória do meu “Vô Manel”, a pessoa que aonde quer que esteja, está mais feliz por essa conquista e, que sendo desenhista, foi o meu primeiro professor de projeto, mesmo quando eu não sabia o que era isso. Vô, a sua menina continua parando o trânsito! Esse trabalho é pra você. Obrigada pelas suas horas de trabalho a fio sob um cavalete. Toda vez que eu to cansada, penso em você, nos lápis apontados com gilete, seus desenhos perfeitos e paciência. Mesmo depois de tanto tempo o senhor ainda me ensina e inspira. A cor na minha pele é sua e a arte no coração também.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus e a Meishu-Sama, por serem minha força, fé e porto seguro.

Agradeço a minha mãe Marilúcia por brigar comigo, por mim, por meus sonhos e apoiar todo e incondicionalmente sonho. Me inspirando a seguir tentando ser melhor e, quem sabe, algum dia, igual a ela: sonhadora, especial: PROFESSORA.

Agradeço ao meu Pai por ser o pulso forte, o ombro amigo, a piada de todo dia, o coração puro que torce mais por mim do que por seu Botafogo, mesmo que isso pareça impossível, não é!

Agradeço ao meu irmão por me emprestar sua verdade, força de caráter, amizade incondicional e por entender minhas ausências durante todo o percurso dessa graduação.

Agradeço a Fundação Casa de Rui Barbosa pela bolsa de pesquisa durante a graduação e especialmente a minha orientadora na iniciação científica Lia Calabre, um exemplo de Ser Humano e profissional que me inspira todos os dias.

Agradeço a Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias por ter me recebido com tanto amor e aos meus queridos e eternos amigos Erasmus, por me ensinarem tanto e me fazerem sentir parte de alguma coisa, de uma comunidade.

Agradeço ao meu primo Ramon, por ser um dos meus meninos favoritos e por ter ido a primeira aula na UFF comigo.

Ao meu primo Túlio, por ter me ensinado através de seu exemplo que superações são possíveis e gratificantes.

Agradeço aos meus avós Emanuel (in memoriam), Eunice, Antônio e Marina, por serem os melhores avós que alguém poderia ter.

Agradeço imensamente a família Maury: Min. Márcio, Nazareth, Renata, Marcelo e Aninha, por terem me acolhido na casa deles muitas vezes durante a graduação, sempre com braços abertos e comida quentinha, me ensinando o verdadeiro sentido da palavra amizade.

A vó Luiza, por ter sido minha avó mesmo sem ter o mesmo sangue.

Agradeço a Márcia, por durante um ano de monografia, ter feito os meus lanches da tarde, sem que eu ao menos precisasse pedir e pelos incentivos e piadas.

A Aninha, por ter feito o vestibular comigo, ter me dado o resultado, ter morado comigo e ser minha amiga de sempre.

Aos meus tios José, Marinalva e Lilian e a minha prima Nathália por terem me emprestado um teto durante a graduação.

A querida Thais Estruc e Stela Soares por terem me ensinado regras de ABNT e que podemos encontrar amizade mesmo no aperto.

Agradeço ao grupinho de RO: Luciana, Bernardo, Marina, Jéssica, Bruna, Helô, Gui e a Priscila, Perê e Mari, sem eles as aulas não teriam tido nenhuma graça! As amigas que de alguma forma me ajudaram, animaram e não deixaram a peteca cair: Vivi, Luiza, Karol, Franci, Cla, Camilinha, Justina, Juliana L., Juliana A., Ju Braz, Ivete.

E, agradeço a minha orientadora, chefe, exemplo, Priscila Seixas, que me ensina muito de muitas e diferentes formas.

Agradeço especialmente ao professor Luiz Augusto, por toda paciência e dedicação tanto como professor como coordenador do curso de produção cultural, resolvendo sempre os problemas da melhor forma e com um sorriso no rosto: quero ser assim!

Agradeço a Assessoria Internacional e a todo pessoal de lá: Geisa, Silvino, Rafael. Que me ajudaram a ir pro “erasmus”, e me orientaram no estágio na assessoria e durante essa pesquisa.

E agradeço a Universidade Federal Fluminense, por ter me presenteado com os melhores anos da minha vida, com amigos, conhecimento, arte, partilhas. E, a todos os professores e colegas que passaram na minha vida durante essa jornada: Muito obrigada!

RESUMO

O presente trabalho pretende analisar o fenômeno contemporâneo dos intercâmbios e como essas experiências afetam diretamente a formação de novos sujeitos e sua visão do mundo. *Meu Querido Erasmus* investiga as trocas, descobertas acerca do contato com pessoas de diferentes nacionalidades e vivências, identidades culturais e busca entender em quem se transforma o sujeito que vive esses afetos de maneira intensa, esse ser Erasmus, antropofágico, aberto, a possível representação do Ser pós-moderno, o agente que conserva suas características pátrias e subjetivas, mas, passa a ser um pouco de cada canto, um pouco de cada um, sendo, por isso, um cidadão do mundo, que compreende as diferenças de cada indivíduo. O trabalho também busca entender como o intercâmbio poderia influenciar o comportamento dos estudantes depois de viver essa experiência.

Palavras-chave: intercâmbio; identidades culturais; Erasmus; pós-modernidade; laço social.

ABSTRACT

The present work intends to analyze the contemporaneous phenomenon of exchanges and how these experiences affect the formation of new personas and their worldview. *Meu Querido Erasmus* investigates the exchanges, discoveries about the contact with people from different nationalities, lifestyles and cultural identities, seeking to understand the transformation of the person who leaves these affections intensely, the Erasmus being, anthropophagic, opened, a possible representation of the post modern Being, the agent who conserves its homeland and subjective characteristics, but at the same time turns to be a person of everywhere, being for this reason a person of the world, that understands the differences of each individual. The work also attempts to understand the different ways in which the interchange could influence the student`s behavior after having lived the experience.

Keywords: interchange; cultural identities; postmodernity; social bond

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1 UNIVERSIDADE E INTERCÂMBIO.....	17
1.1 O papel da universidade.....	20
1.2 Breve histórico dos intercâmbios.....	23
1.3 Intercâmbio estudantil no Brasil.....	27
2 NOVAS RELAÇÕES.....	32
2.1 O ser pós- moderno.....	32
2.2 Geração y.....	35
3 SER ERASMUS.....	39
3.1 O programa.....	40
3.2 A comunidade.....	44
3.3 Identidade Erasmus.....	47
3.4 Erasmus, quem?.....	50
4 CONCLUSÃO.....	56

REFERÊNCIAS

Anexos

INTRODUÇÃO

Conhecer o mundo é mostrar a alma da gente do avesso pra gente mesmo.

(Diário virtual em 27 de novembro de 2010)

Diante de tantas diferenças culturais, que ficam evidentes no intercâmbio, encontrar um denominador comum entre variados indivíduos, pode ser considerado um desafio. Como produtora cultural a possibilidade de realizar um intercâmbio mostrou-se uma oportunidade ímpar para entrar em contato com outra realidade cultural, com maneiras de como pensar em um fenômeno que é a crescente queda das fronteiras entre os países. Outra questão observada diz respeito às identidades e como essas representações contribuem para a formação de grupos sociais e suas interações.

O programa da União Europeia que incentiva a mobilidade acadêmica entre os países membros e candidatos, chamado ERASMUS - *EuRopean Community Action Scheme for the Mobility of University Student* – revelou-se para mim mais que um plano de ação de um continente, e, sim, como uma comunidade imaginada¹ edificada, na qual senti-me acolhida e pertencente, mesmo enquanto sul-americana, o que importava para ser aceito no grupo era não ser daquela cidade.

Os outros estudantes estrangeiros, independente da origem, sentiam-se da mesma forma, pude perceber como esse programa tinha extravasado os limites de uma ação e passou a constituir uma identidade, um signo de extremo reconhecimento dentro de território europeu e, mesmo fora dele. O que levou a essa reflexão e análise acerca do espaço, tempo, das trocas simbólicas que aconteciam entre os grupos e os ERASMUS.

O autor argentino Nestor Garcia Canclini afirma que a delimitação de um espaço urbano, uma cidade, são as pessoas e suas tensões de estranhamento e reconhecimento, e que a paisagem é apenas pano de fundo. Não acredito que o papel

¹ O conceito de comunidade imaginada de Benedict Andersen, consiste em analisar como os grupos sociais criam e/ou tem sistemas de significação e práticas próprios que contribuem para a formação de um sentimento de pertencimento para os sujeitos pertencentes de determinada comunidade.

de mero cenário seja suficiente para o espaço, ele é também um ator, no entanto, as tensões interpessoais, fazem cidades, viadutos, ruas, discursos.

A partir disso, pensamos nas identidades que permeiam as relações interpessoais, assunto que sempre foi uma temática recorrente nos meus estudos e pesquisas, no entanto, nenhum livro, artigo, ou mesmo esse trabalho poderá explicar exatamente o que senti ao estar fora da minha pátria mãe.

Adotamos como conceito de identidade o que o autor jamaicano Stuart Hall descreve e, reconhecemos que:

a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar- ao menos temporariamente. (HALL, 2005, p.13)

Por isso o desafio: tentar traduzir em palavras o que é estar fora, ver melhor de fora, identificar-se com pessoas que, pareciam antes, tão diferentes de mim. Transcrever as experiências, afetos e como a identidade cultural norteou-me, mesmo quando distante do meu país, ensinando através da vivência como é ser brasileira, carioca, estudante, intercambista, produtora cultural, e, principalmente eu mesma, totalmente singular.

Diante dessa motivação, surgem questões de ordem crítica, sociológica e comportamental, que serão levantadas ao decorrer do trabalho. Não podemos ignorar que está é uma análise sobre importante fatia da sociedade que cresce a cada dia. Segundo a pesquisa realizada pela Universidade de Sussex², na Inglaterra (2002-2010) estima-se que os estudantes que realizam mobilidade, gastem cerca de 30 bilhões de dólares por ano nessa empreitada. Quantia esta que pode ser maior devido a

² A Universidade de Sussex, desenvolve desde 2000, estudos para diagnosticar o perfil dos seus alunos que vão estudar fora do país. Entre outras coisas, a pesquisa realiza o controle das informações sobre as escolhas profissionais desses alunos subsequentes a experiência do Intercâmbio. Os professores Russel King e Enric Ruiz-Gelices, comandam a pesquisa até hoje e, tratam em seus escritos, o intercâmbio como uma forma de migração que tem efeito direto na formação de Identidades, em especial, na noção de uma identidade Européia. O termo bastante usado nessa pesquisa para denominar o fenômeno do intercâmbio é “migração estudantil” e, nos chama atenção para um recorte geográfico do intercâmbio.

dificuldade de precisão para gerar esses indicadores. Consideramos que o valor não pode somente ser medido em dólares, esse capital é cultural e influencia diretamente o pensamento da sociedade e as práticas culturais. Essa pesquisa intitulada “International Student Mobility” é a mais completa e ampla acerca do fenômeno do Intercâmbio acadêmico e, por isso, é utilizada como fonte em vários momentos deste trabalho.

Os autores utilizados para pesquisa circulam sempre entre assuntos modernos e contemporâneos e, devido a extensão do tema, em alguns momentos da pesquisa foi necessário partir de alguns pressupostos, sem uma análise profunda à construção de alguns conceitos. Nossa literatura procurou dar com teóricos principais de temáticas como: Identidade cultural, produção cultural, e o contexto geral da pós-modernidade em si e da própria educação na alta modernidade.

Decidimos, portanto, problematizar o objeto submetendo-o a questões e observá-lo de variados pontos de vista. Inicialmente procuramos investigar a hipótese principal de que os a partir da interação com pessoas de diferentes identidades culturais tornam-se diferentes, podendo ser esse o caminho para um sujeito global, que tem estreitas relações com outras culturas.

Quais as motivações para ir viver e estudar fora de seu país de origem e que mudanças isso provoca no indivíduo e na sociedade? Procuramos levantar questões que abrangem o universo dos estudantes que participam do intercâmbio estudantil internacional e, que conservam suas características de identidade cultural, no entanto, tornam-se outros tipos de pessoas a partir da experiência vivida no intercâmbio.

A mobilidade acadêmica é o privilégio, a vantagem, capital cultural e todos os anos milhares de estudantes de diversos níveis de graduação e países saem em busca dessa experiência. Em comum talvez a busca por aventuras, viagens, por independência, experiência acadêmica, internacional, por si mesmo, enfim, pelo outro.

Podemos perceber, ao entrevistar estudantes de diferentes nacionalidades que realizaram intercâmbio, vivendo de seis meses a um ano fora de seu país que em suas respostas tem muitos pontos em comum, e, que os estudantes julgam terem tornado-se pessoas diferentes do que outrora eram: mais tolerantes (no sentido de aceitar melhor

as diferenças culturais), com gostos mais globais. Como afirmou o estudante turco Mert Tuna Akartuna, 21 anos: “Aprendi com o Erasmus que as pessoas no mundo, os estudantes, não são diferentes... Somos os mesmos... Fazemos as mesmas coisas, rimos das mesmas coisas, bebemos as mesmas bebidas. Todos os mesmos. Eu me sinto menos turco, eu me sinto mais Humano”.

Visto todas essas motivações e questões, dividimos o trabalho da seguinte maneira:

No primeiro capítulo temos um panorama do cenário: Universidade, Intercâmbios acadêmicos e outras ações que promovem encontros entre jovens em outros países em situações propícias para trocas culturais. Procurando mapear como é a formação acadêmica de um estudante hoje.

Para dar conta do assunto utilizamos referências bibliográficas como o português Boaventura Sousa Santos e o francês Pierre Lévy. Foram realizadas consultas aos sítios e informativos de instituições como o Rotary Club, American Field Service, Assessorias Internacionais das Universidades, entre outros, foram recolhidas informações sobre o histórico dos intercâmbios. Vale ressaltar que entendemos essa narrativa como a história vencedora³, pois, muitas histórias sobre intercâmbios perderam-se com o tempo e a falta de preservação de memórias.

No segundo capítulo, buscamos entender o contexto atual e que reflexo isso tem no comportamento de uma geração, os chamados “Y’s”. Pós-modernismo, a experiência da transformação do mundo contemporâneo - de referências e padrões, fronteiras claras, novos paradigmas que pedem novos olhares e criam-se novas características. Com o pós-modernismo anunciaram-se crises, caíram barreiras, a revolução da informação moderna chegou a esse período tornando tudo mais complexo e caótico. A relação do ser e do lugar do sujeito na sociedade está cada vez mais conturbada, não sabemos muito bem pra onde vamos, nem o porquê, que somos.

³ Entendemos o conceito de *história vencedora* como o descrito por Stuart Hall em seu livro A IDENTIDADE CULTURAL NA PÓS-MODERNIDADE (2007)

Para embasar as discussões sobre os temas deste capítulo, contamos com o sociólogo polonês Zygmunt Bauman e seus textos acerca das relações humanas estabelecidas no período que denomina de “Modernidade Líquida”:

O mundo que chamo de líquido porque, como todos os líquidos, ele jamais se imobiliza nem conserva sua forma por muito tempo. Tudo ou quase tudo em nosso mundo está sempre em mudança. (2011, p.7)

Ao deparar-se com a liquidez e com as influências sofridas por todos os lados, por todos os meios, as identidades parecem ser um referencial ainda utilizado para que o homem não experimente uma sensação de total perda de referência. Questiona-se qual é o lugar da nação em um mundo globalizado e que caminha para uma homogenia de heterogenias. Todos são diferentes porque todos são iguais.

Depois dessa contextualização será abordado no terceiro capítulo o estudo de caso, o que chamamos de “Ser Erasmus”, esse sujeito que surge do resultado de seu tempo e espaço, mas, principalmente dos encontros: com a tecnologia, com as fronteiras, com a diversidade, com a explosão da comunicação, com constrangimentos, com ele mesmo, com o outro. Empregamos entrevistas com um grupo de alunos que participaram do programa Erasmus no período entre 2010-2011 na cidade de Lisboa, Portugal.

Através desses questionários podemos enxergar como os estudantes que participaram do programa passam a constituir e reconhecer-se membros de uma comunidade imaginada. Este conceito foi amplamente discutido pelo autor chinês Benedict Anderson (2008) à luz do nacionalismo, portanto, quando em seu texto ele trata de nação, consideramos isso o grupo, a identidade. No que tange às trocas simbólicas, nos valem do autor francês Pierre Bourdieu (2005).

Realizamos também, entrevistas com os alunos da graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense (UFF) que fizeram parte do programa de mobilidade acadêmica da instituição, para entender o que essa experiência acrescentou na formação desses futuros mediadores culturais. Acreditamos que este material possa ser útil futuramente e que esse seja o início de um diagnóstico, de uma

análise primeira do fenômeno do intercâmbio acadêmico tanto na Universidade Federal Fluminense, quanto no Brasil. Como se trata de um tema ambicioso até porque inicialmente se apresenta como inédito, encontramos dificuldades para coletar as fontes.

Por fim, as entrevistas somadas ao estudo de caso, aparecem como maneira de corroborar as questões levantadas durante a pesquisa e as leituras realizadas durante o ano de execução deste trabalho final. Dados estes que nos ajudam a refletir sobre o nosso tempo, a formação do estudante no mundo e no Brasil e de que maneiras a mobilidade acadêmica configura-se como um diferencial e marco na sociedade e no indivíduo.

Assim sendo, procuramos compor um mapa amplo das questões acerca de intercâmbio acadêmico e situaremos os problemas e hipóteses para dar conta do debate teórico como o pano de fundo onde nossa investigação acontece e de como seus pressupostos se processam.

1- UNIVERSIDADE E INTERCÂMBIO

A estrutura social de uma sociedade e a forma como o aprendizado é estruturado- a maneira como passa de mãe para filha, de pai para filho, do irmão da mãe para o filho da irmã, do xamã para o noviço, dos especialistas mitológicos para o aspirante a especialista – determinam muito mais do que o conteúdo real do aprendizado, não só a forma como os indivíduos aprenderão a pensar, mas como o acúmulo de aprendizado, a soma total das peças separadas de habilidades e conhecimento, ... É compartilhado e utilizado (MEAD apud BAUMAN, p.158, 2009)

A educação é entendida como parte fundamental da constituição política e identitária de uma sociedade e, os intercâmbios, como parte de uma ação estratégia de formação. Formação esta que está ligada diretamente a um plano maior de uma política externa, de blocos econômicos, de interesses políticos de primeira ordem, constituintes de determinadas estruturas sociais.

Foi criado em 1899, em Bruxelas, o Bureau Internacional de Novas Escolas, por iniciativa do educador suíço Aldolphe Ferrieré, nesse momento cria-se uma ideia que quebra com a tradicional e, segundo o professor da Universidade de São Paulo (USP) e diretor do Instituto Paulo Freire, Moacir Gadotti (2000), foi o primeiro projeto de uma educação internacionalizada. A partir das ideias de Ferrieré a educação adquire o discurso de igualdade social e democratização.

O suíço fala em termos como alegria na escola, aprender com prazer, da infância ativa, participação familiar na educação, escolas rurais e semi-internatos⁴. Ao lermos seus textos, percebemos paradigmas até hoje presentes no discurso da educação em todo o mundo, como por exemplo, a importância da infância. O Bureau criado pelo educador é o que dentro de sua obra destaca-se pela tentativa de criar um plano que acabou servindo como um norte para a educação no mundo.

⁴ Essas informações foram retiradas do texto da UNESCO sobre o educador: http://www.ibe.unesco.org/fileadmin/user_upload/archive/publications/ThinkersPdf/ferrieres.PDF Acessado em 15 de Agosto de 2012

O Professor Gadotti (2000, p.3), afirma que na segunda metade do século XX, estudiosos e representantes da sociedade idealizam uma educação internacionalizada, deixando seu projeto a cargo da UNESCO. No ano de 1999, então, a Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, tendo como coordenador Jacques Delors, publica o documento oficial: “Relatório para a Unesco da Comissão Internacional Sobre Educação para o Século XXI” que determina quais seriam os pontos cruciais para a educação no século XXI. O que ficou conhecido como “Relatório Delors”, determina como os quatro pilares da educação os seguintes pontos:

- Aprender a conhecer: ... construir e reconstruir o conhecimento (...) Aprender a conhecer é mais do que aprender a aprender. Aprender mais linguagens e metodologias do que conteúdos, pois esses envelhecem rapidamente. Não basta aprender a conhecer (...) É preciso pensar também o novo, reinventar o pensar, pensar e reinventar o futuro (GADOTTI, 2000, p.4)

- Aprender a fazer: o fazer deixou de ser puramente instrumental. Nesse sentido vale mais hoje a competência pessoal que torna a pessoa apta a trabalhar em equipe, do que a pura qualificação profissional. Hoje, o importante na formação do trabalhador (...) é saber trabalhar coletivamente (...) A flexibilidade é essencial. (GADOTTI, 2000, p.5)

- Aprender a viver juntos: a viver com os outros. Compreender o outro, desenvolver a percepção da interdependência (...). Descobrir o outro (...). Ter prazer no esforço comum. Participar de projetos de cooperação. (GADOTTI, 2000, p.5)

- Aprender a ser: Desenvolvimento integral da pessoa: inteligência, sensibilidade, sentido ético e estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade, pensamento autônomo e crítico, imaginação, criatividade, iniciativa. Para isso não se deve negligenciar nenhuma das potencialidades de cada indivíduo. A aprendizagem não pode ser apenas lógico-matemática e linguística. Precisa ser integral. (GADOTTI, 2000, p.5)

Sendo a UNESCO um organismo universal, consideramos esse texto uma fonte primária de informação e que esses princípios norteiam as iniciativas e programas educacionais no mundo, inclusive, nosso objeto de estudo: os intercâmbios acadêmicos na graduação.

Neste trabalho procuramos ter cuidado e, consideramos o fato de que:

Pelo menos desde o Iluminismo a educação vem sendo entendida como um conjunto de estrutura rígida, (...). Assim, o conjunto desgovernado e provavelmente ingovernável só pode causar hesitação (...) A condição pós-moderna dividiu o grande jogo dos tempos moderno em diversos jogos pequenos (...), devastou as regras de todos os jogos e diminuiu bastante a validade de qualquer conjunto de regras (BAUMAN, p. 162,163. 2009)

Acreditamos que as teorias e práticas educacionais nos servem como base pra entender como chegamos a formação de uma comunidade global, no entanto, o trecho supracitado de Bauman (2009), nos ajuda a considerar a subjetividade dos nossos tempos e a complexidade que pode existir em uma análise de tal teor.

A pesquisa da Universidade de Sussex, ressalta que:

Especialmente nas sociedades avançadas, universitários e outros estudantes de terceiro grau constituem uma alta seção de mobilidade espacial populacional. Os geógrafos e outros estudiosos interessados em mobilidade internacional ainda estão muito lentos no estudo do comportamento migracional dessa incrivelmente numerosa e estrategicamente importante fração da população. De fato, ainda tem muitos aspectos dessa mobilidade que poderiam ser estudados. (SUSSEX, 2001, p.1)

O artigo de Sussex afirma ainda que:

Estudos da migração internacional de estudantes, continuam limitados a números, tendem a concentrar-se nos fluxos iniciais de migração resultantes da decisão de estudar fora do país, e no retorno ou não-retorno dos estrangeiros a seu país de origem no final de seu programa de estudos em outro país. (SUSSEX, 2001, p.2)

Por essas e outras, entendemos ser urgente uma análise sobre esse fenômeno sob diferentes perspectivas, vislumbrando o cenário, as relações, os sujeitos e os possíveis desdobramentos dessas ações.

1.1 O papel da Universidade

A missão eterna da Universidade: é o lugar onde por concessão do Estado e da sociedade uma determinada época pode cultivar a mais lúcida consciência de si própria. (JASPERS apud SOUSA SANTOS, 2010, p.188)

O nosso objeto de estudo e seus desdobramentos partem do pressuposto básico de que o indivíduo seja aluno de uma Universidade e em período de graduação. Para entender melhor esse universo e como o intercâmbio aparece diante dessa conjuntura, torna-se necessário entender, também, o papel que a Universidade hoje desempenha como Instituição perante a sociedade.

Vale ressaltar que *“das oitenta e cinco instituições actuais que já existiam em 1520, com funções similares às que desempenham hoje, setenta são universidades”* (KERR apud SOUSA SANTOS, p.187, 2010). O que mostra como o papel das universidades parecia estático e impermeável às mudanças do mundo.

No entanto, anuncia-se uma crise na função dessas instituições que:

Confronta-se com uma situação complexa: são-lhe feitas exigências cada vez maiores por parte da sociedade ao mesmo tempo que se tornam cada vez mais restritivas as políticas de financiamento das suas actividades por parte do Estado. (SOUSA SANTOS, 2010, p.187)

Podemos apontar inúmeras razões para a dita crise, mas, trataremos do assunto adiante, pois antes de entender a crise é necessário que analisemos o que significa a universidade no mundo ocidental.

Na cota com a qual iniciamos o texto, Jaspers, um expoente do Idealismo Alemão, fala sobre a missão da Universidade como lugar fértil para se pensar, explorar a *consciência* da época vigente. E, classifica como sendo o pensamento vindo daí como *o mais lúcido*.

No livro *Pela Mão de Alice* do professor português Boaventura Sousa Santos (2010) aparecem ainda muitas correntes de pensamentos, que tentam definir qual seria

o papel da instituição Universidade na sociedade. Acerca do pensamento de Jaspers ainda encontramos:

Os seus membros congregam-se nela com o único objectivo de procurar, incondicionalmente, a verdade e apenas por amor à verdade (...)

Daqui decorreriam, por ordem decrescente de importância os três grandes objectivos da universidade: porque a verdade só é acessível a quem a procura sistematicamente, a investigação é o principal objectivo da universidade; porque o âmbito da verdade é muito maior que o da ciência, a universidade deve ser um centro de cultura, disponível para a educação do Homem no seu todo; finalmente, porque a verdade deve ser transmitida, a universidade ensina e mesmo o ensino nas aptidões profissionais deve ser orientado para a formação integral (JASPERS apud SOUSA SANTOS, 2010, p.187)

Visto isso, podemos entender o carácter de unidade que a universidade adquire e, percebemos como a visão acerca dos saberes parece restrita, como se só existisse verdade dentro da instituição. No entanto, esses padrões que pareciam edificados começam a entrar em colapso.

A crise da hegemonia resultava das contradições entre as funções tradicionais da universidade e as que ao longo do século XX tinham vindo a ser atribuídas. De um lado, a produção de alta cultura, pensamento crítico e conhecimentos exemplares, científicos e humanísticos, necessários a formação das elites de que a universidade se tinha vindo a ocupar desde a Idade Média Européia. Do outro lado, a produção de padrões culturais médios e de conhecimentos instrumentais, úteis na formação de mão-de-obra qualificada exigida pelo desenvolvimento capitalista. A capacidade da Universidade para desempenhar cabalmente funções contraditórias levava ao Estado e os agentes económicos a procurar fora da universidade meios alternativos de atingir esses objectivos. Ao deixar de ser a única instituição no domínio do ensino superior e na produção de pesquisa, a universidade entrara numa crise de hegemonia (SOUSA SANTOS, 2004)

Outros fatores são apontados como importantes para o entendimento da “crise” do papel da Universidade eles são: o da legitimidade e o institucional, no entanto, o que nos interessa é levantar questões gerais e no que tange o que representa a instituição. A Universidade como o espaço de socialização e, de onde saem os estudantes para o Intercâmbio, onde chegam esses mesmos estudantes. Percebemos, no entanto, um

denominador comum nas visões do papel da Universidade, ela além de ser a instituição responsável pela produção de conhecimento erudito, deve ser também a responsável pela formação de mão-de-obra técnica e especializada exigida pelo mercado. O que para os estudiosos de sociologia e pedagogia é uma crise, em nosso trabalho entendemos como uma característica do nosso tempo, ao qual preferimos nomear como “pós-moderno”.

No seu conjunto, estes objectivos – cada um deles inseparável dos restantes- constituiriam a idéia perene da universidade, uma idéia uma porque vinculada à unidade do conhecimento. Esta idéia que, além de uma, é também única na civilização ocidental, exigiria, para sua realização (aliás, nunca plena), um dispositivo institucional igualmente único. (SOUSA SANTOS, 2010, p.188)

Entendemos o que significa dizer que a Universidade é a salvaguarda do pensamento de um tempo, todavia, sua crise é o anúncio de que isso não irá permanecer tão fechado em si mesmo, como até o século XX supõe que tenha sido possível. As mudanças estão mais intensas e os critérios que determinam a qualificação de uma pessoa não dependem restritamente de um diploma de ensino superior.

Consideramos o valor imensurável da Universidade, mas, preferimos adotar como visão os escritos de Pierre Lévy. Para ilustrar sua perspectiva do conceito de saber, o autor e filósofo francês, usa o termo *inteligência coletiva* que entende como: *uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências* (1998, p.28).

Para Lévy, o conhecimento está nas experiências e práticas, na vivência. É uma visão que considera a instituição⁵ (a universidade), mas a situa em uma parte do conjunto de muitas outras partes que, devem constituir a formação das pessoas e, esses conhecimentos como forma de construir e manter o chamado laço social. E, destaca as trocas e intercâmbios como a principal maneira de construção processual de identidades, saberes, memórias, inteligência coletiva.

⁵ Mas, diz: Não existe nenhum reservatório de conhecimento transcendente, e o saber não é nada além do que o que as pessoas sabem. (Lévy, 1998, p.29). Ou seja: Lévy, reconhece a universidade como parte e não como uma instituição superior e detentora de toda verdade.

Em nossas interações com as coisas, desenvolvemos competências. Por meio de nossas relações com os signos e com a informação adquirimos conhecimentos. Em relação com os outros, mediante iniciação e transmissão, fazemos viver o saber. Competência, conhecimento e saber (que podem dizer respeito aos mesmos objetos) são três modos complementares do negócio cognitivo, e se transformam constantemente uns nos outros. Toda atividade, todo ato de comunicação, toda relação humana implica um aprendizado. Pelas competências e conhecimentos que envolve, um percurso de vida pode alimentar um circuito de troca, alimentar uma sociabilidade de saber. (LÉVY, 1998, p.27)

Depois de investigar o papel da universidade, procuramos entender o que conecta as pessoas na instância do intercâmbio e mesmo em outras esferas que envolvem a vida de quem vai viver fora de seu país durante o período da graduação. Os signos, os saberes, os reconhecimentos são vias de se identificar com os outros e, *postulemos explícita, aberta e publicamente o aprendizado recíproco como mediação das relações entre os homens* (LÉVY, 1998, p.27).

Visto isso, vamos procurar entender, na sessão sobre as novas relações estabelecidas na pós-modernidade, como o laço social e as relações interpessoais do nosso tempo é um fator de extrema importância para entender o fenômeno dos intercâmbios.

1.2 Breve Histórico dos Intercâmbios

Por definição, Intercâmbio, significa: *1. Troca, permuta. 2. Estabelecimento de relações recíprocas de ordem cultural, comercial, social, etc. entre nações ou instituições.*⁶

Com as trocas, contato e enfrentamentos, o Intercâmbio cultural existe desde que o primeiro Homem se aventurou em cruzar uma linha, a registrar na pedra uma História, ao tentar trocar, comunicar, viver com o outro. Porém, por Intercâmbio entendemos no contexto desde trabalho, como sendo, de fato uma troca entre agentes em situações diversas que estão fora de seu país de origem. Porém, na contemporaneidade e, ao

⁶ Definição retirada do Dicionário Online Priberam. Acessado em 01 de Novembro de 2011.

decorrer do texto, entende-se intercâmbio dentro da lógica da academia e em nível de graduação formal.

As fontes bibliográficas sobre intercâmbio são extremamente escassas, no entanto, puderam-se encontrar algumas possíveis teorias sobre como surgiu o formato de Intercâmbio estudantil que conhecemos atualmente, segundo fontes de organizações de representatividade na comunidade internacional em assuntos como Intercâmbio: Rotary⁷ e American Field Service-AFS.

O Intercâmbio cultural como conhecemos hoje, teria suas origens modernas na Primeira Guerra Mundial. Quando, setenta e quatro cidadãos dos Estados Unidos organizaram o *American Field Service* e, atuaram como motoristas voluntários de ambulância, em Paris (França), retirando os feridos de guerra dos locais de conflito. Durante a guerra o número de motoristas voluntários cresceu para quase 2.500. Eles não usavam armas, tinham a missão de ajuda e solidariedade, não de conflito.

Após a primeira guerra, esses voluntários viram o quanto haviam aprendido sobre a vida e a cultura do país no qual viveram durante certo período. E, ao trabalharem lado a lado com os cidadãos franceses, perceberam que os medos, angústias e os desejos dos Homens dos mais diversos países eram muito próximos e, que haviam estabelecido laços afetivos com esses outros sujeitos que a priori, poderia se supor, que fossem tão diferentes, no entanto, eram tão parecidos.

Sentiram, neste momento, a necessidade de promover o entendimento e a irmandade internacional de forma a diminuir a intolerância entre os povos por meio de intercâmbios, como instrumento de troca, de conhecimento do outro e de si, tendo como objetivo a imersão cultural e a paz. Enquanto isso, em 1929 o Rotary Clube de

⁷ Rotary Club é uma organização de líderes de negócios e profissionais, que prestam serviços humanitários em diversas áreas e possui sedes por todo o mundo. É definido como um clube de serviços à comunidade local e mundial sem fins lucrativos, não é secreto, nem filantrópico ou social. Atualmente, existem mais de 1.2 milhão de rotarianos associados a mais de 32.400 Rotary Clubs espalhados por 168 países do mundo. A Fundação Rotária do Rotary International é a principal organização não governamental sem fins lucrativos do mundo, promovendo a paz e a compreensão mundial através de programas internacionais humanitários, educacionais e de intercâmbio cultural.

Copenhague (Dinamarca) organizou a primeira troca de estudantes de ensino médio entre outros clubes Rotary's da Europa. No início da década de 40, essa prática chega aos Estados Unidos que, organizam essas trocas com grupos latino-americanos.

Com a Segunda Guerra Mundial, os voluntários da AFS foram para outros locais como outros territórios Europeus, Índia, Norte da África, Síria etc. Neste período, os Rotary's foram forçados a interromper suas atividades, só retomando em 1946.

Já em 1947, com uma rede mais estabelecida, o AFS funda seu programa intercultural, que contribui para a fomentação do molde de intercâmbio como conhecemos hoje, ao enviar dez estudantes de diferentes países europeus para passar um ano nos Estados Unidos. Desde então a organização cresceu e existe em 52 países e já auxiliou cerca de 300 mil jovens em seus intercâmbios.

O Rotary Clube mantém a prática de suporte aos intercâmbios culturais desde 1929, quando começou na Dinamarca. O programa é oficial no mundo todo e, anualmente 8.000 estudantes entre 14-17 anos vão estudar durante um período em outra nação, subsidiados por fundos do Rotary. Nas palavras de seu sítio na rede:

com o objetivo de estreitar os laços de amizade e fraternidade entre as diversas nações em todo o mundo, bem como promover o intercâmbio de culturas e valores, fundamentais para o estabelecimento da paz e da boa-vontade no mundo. (ROTARY, 2011)

Existem diferentes tipos de intercâmbios que envolvem estudantes, no início dos anos 2000, por exemplo, tivemos o "boom" dos intercâmbios conhecidos como "work experience", onde jovens de 17-25 anos, durante suas férias escolares ou da Universidade marcham para os Estados Unidos para trabalhar durante 3 meses em subempregos e aperfeiçoar a proficiência na língua Inglesa. Não foram realizadas, ainda, pesquisas com números exatos sobre quantas pessoas participaram desse tipo de iniciativa ou qualquer outro material sobre esse assunto pôde ser encontrado.

Ainda existem modalidades de intercâmbio cultural que surgem da formação de redes, de maneira mais "espontânea", sem que haja um agenciamento, ou pagamento

prévio para a utilização dos serviços e/ou informações, como, por exemplo os “Woof”⁸, onde os fazendeiros de vários lugares do mundo, oferecem na página social na internet, moradia e comida em troca de trabalho voluntário em diferentes áreas do campo. Podem ser encontradas diversas modalidades de funções a desempenhar: desde colher uvas na Itália a cuidar de uma padaria na região da Bavária. Essas iniciativas têm gerado um intenso fluxo entre essa rede de jovens que parecem estar em busca de novas experiências, trocas e aventuras.

Temos também organizações como a AIESEC, que é gerida por estudantes universitários e oferece um suporte de busca de trabalhos voluntários e/ou estágios remunerados em diferentes lugares do globo. Países em desenvolvimento são seu principal foco para o envio de estudantes para estágio, tais como: Marrocos, Afeganistão, Tunísia, Índia, Turquia, Polônia, Chile, Argentina etc. Para participar desse programa, o jovem deverá ter formação universitária ou estar em vias de terminar o curso de graduação, falar inglês é um requisito e ainda pagar uma taxa a qual dá direito a ter acesso a essas vagas de trabalhos oferecidas por empresas e organizações em todo mundo.

Enfim, por intercâmbio cultural entendemos esses fluxos de pessoas, trocas e informações que elas, inevitavelmente, levam como bagagem. Todavia, em nosso trabalho vamos nos concentrar no Intercâmbio acadêmico e de graduação. Tendo como objeto de Estudo o Programa da União Européia *European Community Action Scheme for the Mobility of University Students*, mais conhecido como ERASMUS e seus desdobramentos, a política da qual faz parte, os sujeitos envolvidos e como a identidade que fora criada a partir de um programa de intercâmbio tornou-se uma comunidade de reconhecimento entre jovens do mundo inteiro que participam de mobilidade acadêmica para a Europa.

Sabendo que existem Universidades públicas e privadas por todo o mundo que possuem acordos e convênios de cooperação e intercâmbio estudantil de diferentes níveis e de todos os tipos entre elas, nos concentraremos também no estudo de caso

⁸ Podem ser encontradas mais informações sobre essa iniciativa em seu sítio: www.woof.org

da mobilidade acadêmica realizada pela Universidade Federal Fluminense e como essa prática pode ser benéfica e transformadora na formação de um Produtor Cultural.

Realizamos uma pesquisa, através de questionário, com produtores culturais que realizaram a mobilidade acadêmica pela UFF, durante a graduação. Pode-se notar alguns pontos divergentes, mas o denominador comum prevaleceu em quase todas as questões, reforçando a idéia de que a pesquisa estaria apontada para a direção certa: de fato, existe uma identidade, uma produção cultural própria entre esses sujeitos e que essa experiência foi um divisor de águas em suas formações. No capítulo dos Estudos de Caso, desenvolveremos esse tópicos e seus impactos.

1.3 Intercâmbio estudantil no Brasil

A prática de intercâmbios culturais no Brasil remota o Brasil Colônia, os recém-chegados Portugueses mandavam seus filhos para o velho continente para estudarem o que significava status, poder, o poder do capital cultural, hoje, o intercâmbio ganha outros valores.

Os Programas de Intercâmbio no Brasil, atualmente, se comparados com países Europeus, são ínfimos. As Universidades Federais são as que possuem mais acordos e convênios com Universidades Internacionais. Porém, o incentivo a este tipo de iniciativa é praticamente inexistente.

Os alunos da Universidade, em sua maioria, nem tem conhecimento da existência do setor de Relações Internacionais de sua Instituição (departamento que geralmente responde pelos Intercâmbios acadêmicos). Os obstáculos aos alunos de graduação brasileiros que desejam realizar um intercâmbio no exterior são muitos, pois além da desinformação, contamos ainda com a falta de apoio financeiro para tal iniciativa.

Algumas Faculdades privadas possuem acordos com Instituições Internacionais, mas, isso restringe a prática do Intercâmbio acadêmico àqueles que podem pagar, às elites. Já que para realizar a viagem e custear a vida em outro país o aluno precisa utilizar recursos próprios.

Isso nos aponta um denominador comum com a pesquisa realizada pela Universidade de Sussex:

Mais significativamente, o artigo conclui que independente do grau geral de mobilidade internacional em certos países ... Estudantes de famílias de baixa renda fazem uso substancialmente menor das oportunidades para estudar no exterior do que aqueles estudantes de famílias com renda mais elevada (2001, p.229-252)

Ainda segundo o artigo da universidade inglesa(Sussex, 2001), alunos que falam mais de uma língua, que já realizaram intercâmbio durante a educação de base são maioria entre os estudantes que realizam intercâmbio na graduação. Ou seja, apesar das tentativas de democratização da mobilidade acadêmica através de bolsas de estudos, esse tipo de prática é uma característica das elites e mais privilegiados financeiramente.

No texto do Itamaraty⁹ sobre Educação encontramos o intercâmbio acadêmico:

O intercâmbio de conhecimentos acadêmicos, técnicos, científicos e tecnológicos é uma prática que se verifica cada vez mais freqüente, conformando um instrumento eficiente de promoção do desenvolvimento, estreitamento de laços políticos e culturais e aproximação nos níveis interinstitucional e transnacional entre as sociedades e Estados. (ITAMARATY, 2011)

Ou seja, O Estado brasileiro reconhece o valor dessa prática não só para a melhor qualificação dos cidadãos, mas como uma prática de valores diplomáticos e estratégicos. Oficialmente,

O Brasil possui acordos com 45 países em desenvolvimento para receber estudantes de graduação em faculdades públicas e privadas em todo o território nacional. Trata-se do Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G), criado em 1964 e administrado por este Ministério e pelo Ministério da Educação (...)o Brasil contribui para a formação de recursos humanos qualificados; proporciona o conhecimento da realidade brasileira, o intercâmbio cultural e a ampliação e aprofundamento da visão do outro. (ITAMARATY, 2011)

⁹ Itamaraty é o nome dado ao Ministério do Governo Federal Brasileiro para Relações Exteriores.

No entanto, podemos conferir outras estratégias de fortalecimento dos intercâmbios. Em 2011, durante o governo da presidente Dilma Rouseff foi lançado o programa “Ciência sem fronteiras” . Com o objetivo de suprir a mão de obra do mercado em crescimento, o Governo Federal através de convênios com Instituições Internacionais, promove essa vivência.

Mas, o que percebemos nas bolsas de estudos, vagas e incentivos do programa *Ciência Sem Fronteiras* é que apenas as áreas tecnológicas como engenharias, medicina, biologia, farmácia e áreas que podemos dizer, que o governo julga serem mais rentáveis, são privilegiadas.

Podemos perceber aí outra similaridade: Segundo o diagnóstico de Sussex, os estudantes sempre foram pioneiros no fluxo de países em desenvolvimento para os países mais desenvolvidos, onde aprendem novas tecnologias, empregando-as no retorno no seu país de origem. Gerando dessa maneira, fatalmente, um impulso no desenvolvimento.

O que percebemos ao traçar um panorama mais geral é que:

Não há ainda na América um internacionalismo espiritual. Cada uma das repúblicas da mesma estirpe se liga à Europa por fios que não se tocam, sem tramas e sem caminhos de través; e ainda não se achou até hoje um meio de araquinidizar, se assim posso dizer, um meio de urdir a teia dessa irmandade que se desconhece e se ama sem amplexos. (João Ribeiro em 1906 apud BERABA, 2008)

Ao pensar em Intercâmbio estudantil no Brasil não podemos ignorar o fato o Continente do qual fazemos parte: As Américas. No processo histórico de trocas e fluxos entre os países que as compõem, data de 1921, o primeiro convênio Oficial estabelecido entre os Governos do Brasil e Uruguai para Intercâmbio de professores e alunos (BERABA, 2008).

As fontes de informação sobre esse tipo de ação são escassas, no entanto, a autora e historiadora Ana Luiza Beraba em seu livro “América Aracnídea”, ressalta a importância dos anos entre 1941-1948, como anos em que a política externa do Brasil

estava voltada para um esforço de aproximação dos países americanos, quando em 41 o governo decide apoiar os Estados Unidos contra a Alemanha nazista.

Segundo a autora, o Brasil investiu nesse pan-americanismo como estratégia para se afirmar como potência. A estratégia de aproximação foi justamente um tipo de intercâmbio cultural: Autores de todo o continente escreviam no suplemento “Pensamento da América” do jornal “A Manhã”, que fazia parte de um órgão do Governo ditador de Vargas.

E, mesmo tendo caráter extremamente nacionalista, o governo viu nessa empreitada internacionalista uma chance de criar uma identidade nova para os brasileiros, até então acostumados com as referências européias. Tendo como objetivo firmar, assim o Brasil como eixo central da América Latina.

Enquanto houve interesse econômico, o suplemento sobreviveu, e como o nome do livro sugere, criaram-se redes entre os intelectuais que mantinham esse noticiário importante. Nomes de destaque como: Pablo Neruda, Walt Whitman, Cecília Meireles, Abgar Renault etc. Ou seja, agentes ligados diretamente a produção cultural, serviram como primeiros mediadores do que se tornaria formal como intercâmbio cultural, ou como o Jornalista, crítico e autor Oscar Pilagallo afirma, O “Pensamento da América” foi um embrião remoto do Mercosul¹⁰.

Nos anos 40, o Brasil ensaiou um namoro com a América Latina, de maneira geral, movidos pelo pensamento dos intelectuais modernistas e pelo próprio Itamaraty. (BERABA, 2008). Diante disso podemos chegar a conclusão de que as ações no campo desses intercâmbios foram parte de uma estratégia política e econômica.

Pensamentos da América nasceu do encontro entre uma necessidade política, uma vontade intelectual e um trabalho diplomático (BERABA, p.10, 2008)

¹⁰ Retirado do artigo: Pilagallo, Oscar. **Análise valoriza obra sobre jornal que tentou unir Brasil e vizinhos**. Folha de São Paulo. Edição: 523. 2009.

Sendo assim, uma iniciativa econômica (desejo de afirmar o Brasil como super potência), diplomática (apoio ao Governo americano durante a Guerra), uma ação de política cultural (criação do Pensamentos da América) pode ter resultado na formação do Bloco Econômico: Mercosul.

Isso demonstra a força que uma ação cultural e, principalmente do papel de destaque do produtor cultural e do intercâmbio dentro de uma política cultural (mesmo que a época isso possa não ter sido entendido dessa maneira) e inserida na lógica de um país com dimensões continentais como o nosso, podemos perceber: a cultura/educação é uma das maneiras mais eficazes de criar identidades e reconhecimento.

Mesmo não sendo uma ação de intercâmbio acadêmico na graduação, esse intercâmbio é um registro histórico que mantém uma relação com o nosso objeto, consideramos um dado que poderá contribuir em algumas questões pertinentes.

Com a globalização e a expansão das relações internacionais, a produção artística passou a ser um bem em trânsito, possibilitando maior acesso ao que está sendo articulado dentro do nosso próprio continente.

Procuramos desenhar nessa sessão uma parte do cenário que guarda o nosso objeto de estudo e, fornecer ferramentas para que mesmo um leitor não iniciado na temática dos intercâmbios acadêmicos na graduação, possa ter uma visão geral do que tratamos e, chegar à conclusão com algum entendimento sobre a importância de pensar sobre esse fenômeno que cresce e contribui para a formação dos profissionais de todo mundo e da nossa sociedade de maneira geral, através da troca, formação de uma identidade, de fazer e ser parte de um tempo.

2- NOVAS RELAÇÕES

Tratamos na primeira seção sobre como consideramos as relações e trocas interpessoais importantes na construção da sociedade- isso passa pelas instituições e práticas culturais- de um determinado tempo. Investigar que novos tipos de relação passam a dar-se na contemporaneidade torna-se, então, um desafio. Não a ser superado, visto que vivemos e somos essas relações, mas, a ser refletido, para que se construa algo a partir disso, mesmo que sejam novas questões.

O nome exato para o período que vivemos é tema para discussões e linhas de pensamento: modernidade tardia, pós-modernidade, modernidade reflexiva, modernidade radicalizada, capitalismo tardio, etc. Muitas são as possibilidades, preferimos adotar pós-modernidade, como termo na nossa investigação sobre que paradigmas nascem e recriam-se nos relacionamentos humanos.

2.1 O ser pós-moderno

Novas relações estão sendo estabelecidas e, no presente trabalho, o maior interesse é desvendar algumas características do comportamento desse novo Homem e, seus possíveis denominadores em comum e, apontar tendências nunca antes vistas na História da Humanidade, procurar entender, justamente o que a maioria dos estudiosos contemporâneos concorda: a definição indefinida do Homem pós-moderno, o Homem mais líquido da História. E, para isso entender o momento, a contemporaneidade, torna-se uma premissa urgente.

Na nossa atividade de produtor cultural, durante experiência de aluno estivemos em contato com uma discussão que não só parece interminável como suas expressões são marcadas pela polissemia. O que é o pós-moderno? O que é ser pós-moderno? Para alguns autores deparamos com alta modernidade, mundialização capitalismo tardio, ou ainda, modernidade tardia. Períodos Históricos não são definidos precisamente, não tratamos de ciências exatas, mas, de transições, de hábitos, comportamentos, perspectivas, tempos, espaços e pessoas.

Em um mundo com fronteiras fluídas a queda das fronteiras bem demarcadas entre nações e identidades, torna-se a premissa para o entendimento. Alguns autores

podem parecer mais pessimistas como é o caso do americano, Frederic Jameson, em sua obra *Pós-modernidade: a lógica cultural do capitalismo tardio* (1996), que trata dentro o Homem pós-moderno como um ser esquizofrênico e trata a pós-modernidade como a terceira fase do capitalismo, uma espécie de “capitalismo tardio” em suas palavras.

Já Bauman, prefere falar em pós-modernidade como algo que vem depois da morte da modernidade. E, seu termo mais expressivo seria a “modernidade líquida”, onde o conceito de liquidez reforça a idéia de transitoriedade, adaptação, mufti formas, efemeridade dos dias de hoje.

O pluralismo, multiculturalismo, o acesso a informações que era impossível há alguns poucos anos atrás tornam esse sujeito alguém único. Quando Marx escreveu:

É o permanente revolucionar da produção, o abalar ininterrupto de todas as condições sociais, a incerteza e o movimento eternos... Todas as relações fixas e congeladas, com seu cortejo de vetustas representações e concepções, são dissolvidas, todas as relações recém-formadas envelhecem antes de poderem ossificar-se, tudo que é sólido dissolve-se no ar... (MARX E ENGELS apud HALL, p.14)

Sobre a modernidade, já era o anúncio da quebra eminente de paradigmas e estabilidade até então conhecida do mundo, das formas de relação, da solidez com a qual o mundo era visto até então.

Pode-se dizer sobre o nosso tempo que (...), cada um dos pontos de orientação que fez o mundo parecer sólido e favoreceu a lógica ao selecionar as estratégias de vida – os empregos, as habilidades, as parcerias humanas, modelos de propriedade e decoro, visões de saúde e enfermidade, valores que se pensava valer a pena serem perseguidos e os meios comprovados de persegui-los – todos esses e muitos outros pontos de orientação uma vez estáveis parecem estar em fluxo. (BAUMAN, 2008, P.160)

Partindo do princípio que a reverberação das novas ondas é bem mais intensa, Hall cita Giddens para demonstrar que, *à medida em que as áreas diferentes do globo são postas em interconexão umas com as outras, ondas de transformação social atingem virtualmente toda a superfície da Terra.* (GIDDENS apud HALL, p.15)

Dentro deste cenário os atores experimentam a perda do antigo referencial. Hoje, a identidade cultural pode ser considerada uma maneira eficaz de não experimentar essa perda de senso de pertencimento.

Já o filósofo Pierre Lévy, entende as novas relações como uma revolução. Lévy (1998) diz que todo o conhecimento está na humanidade e, conforme se estabelecem as trocas esse saber é construído como memória coletiva. Compartilhar os saberes seria a nova forma de relacionamento no que tange todas as esferas possíveis.

Segundo Lévy (1998), a engenharia dos laços sociais consiste em explorar ao máximo as riquezas que existem na população, o filósofo exemplifica que existem pessoas com habilidades e qualificações que nem sempre são usadas pelos outros ou valorizadas pelo meio em que vivem, por não se tratarem às vezes de aptidões passíveis de certificação oficial (enquanto legitimado pela sociedade).

A partir disso, Lévy (1998) criou um programa chamado “Árvore do conhecimento” (ou árvore do saber), onde cada participante descrevia suas competências e disponibilizava para que o coletivo pudesse recorrer a eles. O autor traça o paralelo com a internet – que traduzido para o português significa redes interligadas- e, suas comunidades virtuais onde se dão interações e acontece a criação de uma memória, conhecimento e inteligência coletiva.

Essa seria a revolução de sociabilidades que anunciou-se na pós-modernidade, onde a base não é mais de caráter físico e territorial, mas, compete a inteligência do coletivo e seus processos de intercâmbio de conhecimentos, onde cada indivíduo participa de acordo com seus gostos, paixões e interesses. A universidade deixa de ser a única possibilidade para o conhecimento.

As identidades tornam-se identidades de saber. As conseqüências éticas dessa nova instituição da subjetividade são imensas: quem é o outro? É alguém que sabe; E que sabe as coisas que eu não sei. O outro não é mais um ser assustador, ameaçador: como eu, ele ignora bastante e domina alguns conhecimentos. Mas, como nossas zonas de inexperiência não se justapõe ele representa uma fonte possível de enriquecimento de meus próprios saberes. Ele pode aumentar meu potencial de ser, e tanto mais quanto mais diferir de mim. Poderei associar minhas competências às suas, de tal modo que atuemos melhor juntos que separados. (LÉVY, 1998, p.27)

Quando entendemos que todos sabem alguma coisa, o mundo torna-se uma imensa fonte de possibilidades de aprendizado, as ruas seriam, portanto, a melhor sala de aula existente e, o computador pessoal, mais uma arma a favor da democratização do conhecimento- se pensarmos na maior facilidade de acesso que essa ferramenta possibilita quando comparada a instituição universidade. A partir desse momento, o ser que surge é outro, sua visão de mundo é diferente. A construção, de todas as suas perspectivas deixa de ser linear e a noção de tempo e espaço também.

2.2 Geração Y

A chamada Geração Y compreende aqueles nascidos entre os anos de 1980 e 1999. Muito mais que idade em comum, essa geração compreende de maneira geral um estilo, uma tendência, um comportamento. Suas perspectivas e visões de mundo se esbarram, misturam, cruzam, são a salada mais colorida e eclética que o mundo já viu.

Consideramos que:

Nenhum ser humano é exatamente igual ao outro (...). Contudo é possível notar que, em algumas determinadas categorias de seres humanos, algumas características ou atributos tendem a aparecer com maior frequência que em outras. É essa “condensação relativa” de traços característicos que nos permite falar, em primeiro lugar, em “categorias”, sejam elas nações, classes, gêneros ou gerações. Ao fazê-lo, ignoramos temporariamente a multiplicidade de características que faz de cada um de seus integrantes uma entidade única e irrepetível, diferente de todas as outras, um ser que se destaca de todos os demais da “mesma categoria” (BAUMAN, 2011, p.58)

Para entender essa geração, tomamos a categoria supracitada como base: o período de nascimento.

Segundo o autor Sidney Oliveira (2010), o nome “Geração Y” foi dado a esse grupo graças a uma situação um tanto paradoxal se pensarmos na liberdade de maneira geral, dos nossos dias. Foi na socialista União Soviética que se deu a origem do nome geração Y em um tempo que a URSS determinava até a primeira letra dos

nomes dos nascidos em uma determinada época e região. Nos anos 80 e 90, a letra principal foi a “Y”, isso não teve muita influência na sociedade Ocidental, no entanto, alguns sociólogos e estudiosos começaram a usar o termo para tratar de assuntos ligados aos nascidos entre esses anos, ficando assim denominados por “Y`s”.

Os Y`s nasceram em um tempo de mudanças, assistiram o grande muro cair e as fronteiras diluírem-se. A revolução tecnológica encurtou distâncias, os vídeo games os tornaram competitivos e ansiosos por imediatos feedbacks. Os indivíduos nasceram na era do pós-moderno têm um jeito peculiar e único de existir.

Estudiosos como Oliveira e Bauman, explicam e tentam justificar alguns traços da personalidade dos Y`s através da História, para isso ressaltam o comportamento dos seus pais, que pertenciam a geração “X” ou que, por sua vez, foram influenciados por seus avós, pertencentes a geração *baby boomers*.

Os nascidos entre 80-99, assistiram a mudança do valor principal: o capital tornou-se a informação, e isso, -salvo os bolsões de pobreza e os países que obedecem a outra lógica que não a do capitalismo voraz- os Y`s têm de sobra.

É comum ver um jovem usando 2, 3 meios de comunicação ao mesmo tempo: enquanto trabalha, confere o resultado do jogo de futebol de seu time, manda uma mensagem para o amigo, por exemplo. Isso é um traço do comportamento e acontece de forma “natural”.

Essa capacidade de dividir a atenção, dinamizar os processos é teorizada pelo sociólogo Polonês Bauman, que ainda destaca em seus artigos o papel das redes sociais, como: Facebook, Twitter, MySpace, MSN etc. Assuntos que trataremos com maior atenção em um outro tópico.

Pode-se perceber nas pesquisas, bem como os relacionamentos são travados dentro dessa nova lógica e, destaca-se como característica forte e presente em várias instâncias da vida dos Y`s: estar conectado. Estar online é premissa, condição.

A vida online acaba “ganhando” da vida offline, nos “lares pós-modernos”, o que podemos perceber com uma observação, Bauman relata, em seus textos, os membros da família mal se falam, ou ainda, mesmo estando no quarto ao lado, prefere-se usar as

ferramentas online para comunicar-se. A relação de presença torna-se, então, relativa e questionável.

Os relacionamentos através monitor são mais fáceis de serem desconectados e não exigem comprometimento e, isso deixa claro a sede principal dos Y's, de não criar vínculos, manter um círculo íntimo muito pequeno em comparação ao círculo de relacionamentos superficiais que as redes possibilitam, é a sede de liberdade que muitas vezes transforma-se no vazio na formação do *exército de lobos solitários* que Bauman cita como a tendência dos nossos dias, estamos sempre acessíveis, disponíveis, contudo, estamos sempre sós.

Outra característica dessa Geração é a mudança das relações de trabalho. Os Y's, não procuram dinheiro, puro e simplesmente, eles procuram satisfação, fazer o que gosta, realizar sonhos, viajar, ver o mundo, procuram diversão. Não raro é deparar-se com um Y que poderia ganhar bem mais caso mudasse de segmento ou tarefa dentro de seu trabalho, mas por convicção em fazer o que gosta ou por prezar o ambiente de trabalho, mantém-se em uma função que aprecia mais, mesmo quando isso implica ganhar menos. As ambições Y são diferentes da geração anterior, onde era prezada a segurança as relações fixas de trabalho, a famosa e não tão mais cobiçada – pelo menos por essa geração- carteira de trabalho assinada.

As práticas culturais são um fator importante, mesmo com a hiper-valorização da vida virtual, os encontros ainda tem mais importância, afinal, a conexão online tende a vir de um encontro anterior, presencial. Com uma geração tão bem formada e informada é impossível determinar limites de comportamento, mas, nos guiamos pelos textos, pesquisas, observações de pensadores contemporâneos que já estão atentos às mudanças e poder que essa fatia da população detém em suas mãos.

Segundo o professor Argyris (apud Oliveira) da Universidade de Columbia, apesar da dificuldade em determinar os traços exatos do comportamento dessa geração, isso seria necessário e, seria de melhor valia pensarmos na relação de maturidade X controle. Como modelo simples: quanto maior a maturidade, menor a necessidade de controle do indivíduo. Vale ressaltar ainda que o professor afirma que o controle dos Y's é um caso a parte. Esta geração não quer esperar a aposentadoria

para ser feliz, isso pode apontar para um imediatismo, mas, eles não sentem que deva ser dessa maneira, e o sentir tem grande importância para eles, não querem repetir a fórmula da geração X, anterior, que esperou um tempo longínquo para alcançar a plenitude.

Os Y's tem fome de novidade, adoram desafios, inovar é a palavra de ordem. Quando alcançam um objetivo parece que estão em depressão, logo querem novos desafios para seguir em frente. E, esses são de maneira geral os sujeitos que realizam intercâmbio: sedentos por novidades, experiências, encontros. A partir dessas premissas pautamos nossas análises das pesquisas e entrevistas realizadas.

Segundo o pensador Jean Piaget (apud Oliveira,2010,p.37), A principal meta da educação seria a de criar homens que sejam capazes de criar coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram, homens que sejam criadores, inventores, descobridores. A segunda meta da educação seria a de formar mentes que estejam em condições de criticar, verificar e, não aceitar tudo o que a elas se propõe. Esse parece ser o pensamento vigente da Geração Y: inventivo e crítico, completamente inédito.

Oliveira (2010) ainda ressalta uma frase do Físico Albert Einstein como um resumo do ideal "Y": "*Não penso no futuro, porque ele chega muito rápido*" (p.111). Diante desse panorama geral, que caracteriza uma geração, podemos pensar como seria o sujeito que dentro desse contexto vive a experiência do intercâmbio e de confrontar-se com suas comunidades imaginadas.

A globalização possibilita o contato com outros tipos de manifestações culturais provenientes de outros países, todavia, nada substitui o encontro, a experiência como, por exemplo, do intercâmbio acadêmico que coloca o sujeito sob novas formas, práticas, fazeres e pessoas, referente a afetos e identidades culturais diversas. Prova que testemunhamos, hoje, a geração Y, e que essa "turma" interessa-se por coisas bastante similares e tem o comportamento bastante parecido, os mesmos conflitos e dilemas.

3 – SER ERASMUS

Realizado o panorama geral, chegamos a sessão do nosso estudo de caso. Escolhemos o intercâmbio acadêmico na graduação como objeto e, dentro desse contexto escolhemos dois grupos para análise: estudantes europeus e brasileiros que realizaram intercâmbio estudantil durante a graduação em Lisboa (Portugal) e estudantes da Universidade Federal Fluminense (UFF) do curso de Bacharelado em Produção Cultural que realizaram intercâmbio acadêmico durante a sua graduação.

No decorrer das pesquisas percebemos um fenômeno: o programa de incentivo a mobilidade acadêmica europeu, chamado Erasmus, tinha tornado-se mais que uma ação de governo no âmbito da educação, mas, sim: uma comunidade. Onde estudantes de todo o mundo e mesmo de nacionalidade não europeia, se reconheciam e denominavam-se Erasmus.

Segundo Sussex (2001), foi possível perceber através de grupos de pesquisas de países diferentes, inclusive países como Índia, China etc. Que os resultados de pesquisas sobre estudantes de intercâmbio na graduação, são muito semelhantes, o que nos leva a seguinte consideração: como não existem dados sobre os intercâmbios realizados por estudantes brasileiros, iremos basear nossa reflexão no estudo de caso sobre Erasmus, acreditando que, dadas as circunstâncias e diferenças locais, a longo prazo, os efeitos dos intercâmbios acadêmicos na formação dos estudantes brasileiros privilegiados com essa possibilidade, será bastante aproximada com o que vemos na pesquisa sobre o maior programa de intercâmbio estudantil do mundo.

A partir disso, passamos a denominar Erasmus todo e qualquer estudante intercambista. Pois, essa identidade ganhou valores na sociedade mundial que superam as diretrizes de um programa de educação continental, tornou-se um fenômeno global e um signo de tamanha força que virou, inclusive, característica de uma cidade¹¹. Nesse estudo de caso procuramos dar conta de diversas questões no

¹¹ Desde 2008, existe o projeto “Lisboa Cidade Erasmus” promovido pelo Concelho da cidade (um equivalente a prefeitura). Desenvolveremos melhor esse tópico no decorrer da sessão. Fonte: <http://www.cm-lisboa.pt/?idc=88&idi=40819> Acessado em Agosto de 2012. No Anexo III pode-se ver o documento que enuncia o plano do concelho municipal de Lisboa.

que compete a identidade de uma comunidade, intercâmbio na formação profissional e pessoal e a vivência e transformação cultural dos Erasmus.

3.1 O programa

O programa ERASMUS, como descrevemos em outras seções, foi criado em 1987. No ano de 2007, ele tornou-se uma das ações do plano de aprendizagem ao longo da vida da União Europeia. Pode-se dizer que essa é a ação de maior destaque desse plano, sua aprovação é notória e sucesso também.

De acordo com as informações disponibilizadas pelo *website* da União Europeia a premissa do plano de aprendizagem ao longo da vida é oferecer oportunidades de educação e treinamento para todos e habilitando e estimulando as pessoas em diferentes estágios da vida a participar de experiências de aprendizado, e, assim, ajudar a desenvolver muitos e diferentes setores por toda a Europa.

O *lifelong learning programme*, como é chamado o plano, conta com um fundo de aproximadamente €7 bilhões de 2007 a 2012, e pretende-se com esse dinheiro promover ações como intercâmbios, visitas técnicas e atividades em rede para trabalho e contatos. Os projetos incluem não só os estudantes, mas os professores e funcionários das instituições de ensino e envolvidos na educação e treinamento.

Dentro do plano, existem quatro programas, que o fundo contempla em diferentes níveis de educação e treinamento:

- Comenius → para escolas;
- Erasmus → para educação superior;
- Leonardo da Vinci → para treinamento e estágios;
- Grundtvig → para educação de adultos.

De maneira que todos possuem em comum o objetivo de fortalecer a educação dentro do continente europeu, promover o entendimento entre culturas diferentes dentro do espaço europeu e dos países candidatos. Os que visam o intercâmbio são somente o ERASMUS, o Leonardo Da Vinci (em alguns casos, visto que seu foco é o mercado de trabalho e a abertura de postos de emprego) e o Grundtvig. No entanto, o Grundtvig visa promover o intercâmbio de apenas 7 mil adultos no final do plano, enquanto o ERASMUS visa contemplar 3 milhões de jovens.

Instituições de ensino superior que querem participar do programa ERASMUS, precisam ter uma carta¹² universitária erasmus. Essa carta (seria como um manual) e garante a qualidade do programa através das configurações de certos princípios fundamentais. A Comissão da EU é responsável por todo o programa e implementação, sendo a diretoria geral para coordenar as diferentes atividades culturais e educacionais.

Segundo material impresso da União Europeia em comemoração aos 50 anos da assinatura do Tratado de Roma, que marcou o nascimento da UE, sob o título “50 Passos em Frente- Os Maiores Sucessos da Europa” (2007), o ERASMUS é o “fenômeno Europeu de maior sucesso”.A publicação ressalta ainda que:

O Erasmus não é uma desculpa para os estudantes irem para o estrangeiro durante alguns meses, visitar o país e aparecer nalgumas aulas. As mais-valias do ERASMUS para o curso são plenamente reconhecidas pela própria instituição ao que o estudante pertence. (União Europeia, 2007)

Segundo a mesma publicação no ano de 2005, quase 1% de toda a população estudantil de toda a Europa participou deste programa e que o número é crescente, fato este que comprovou-se ser verídico com o passar dos anos. Hoje, estima-se que mais de 200 mil estudantes participem do ERASMUS todos os anos. (União Europeia)

¹² Entre outras configurações no que tange a princípios ideológicos a Carta garante benefícios mais práticos, tais como: acesso a bibliotecas, dispensa do pagamento de quaisquer taxas na universidade de destino, impressões gratuitas de trabalhos da faculdade, etc.

O aumento do alcance do programa ERASMUS é bastante considerável, visto que em seu primeiro ano, 3.244 alunos participaram da mobilidade e, em 2010, 231.410 alunos foram contemplados com a bolsa de estudos.

Erasmus é o perfeito exemplo da história de sucesso europeia: perto de 3 milhões de estudantes que participaram desde 1987, 300 mil professores e funcionários participaram desde 1997 (esse tipo de intercâmbio aumentou depois de 2007). Com um fundo anual de 450 milhões de euros, mais de 4 mil instituições de nível superior em 33 países participantes. (União Européia, 2012)

No texto do Programa estão descritas como objetivos operacionais¹³ cuja prioridade é melhorar, reforçar e desenvolver:

- A mobilidade (incluindo a respectiva qualidade), que deverá atingir três milhões de pessoas até 2012;
- As ações de cooperação entre estabelecimentos de ensino superior e entre estes e as empresas em termos quantitativos (incluindo a respectiva qualidade);
- A transparência e a compatibilidade entre as qualificações obtidas;
- As práticas inovadoras e sua transferência entre países;
- O desenvolvimento de conteúdos, serviços, pedagogias e práticas inovadoras, baseados nas TIC¹⁴.

¹³ Os objetivos operacionais foram retirados do sítio:

<http://www.dges.mctes.pt/DGES/pt/Reconhecimento/Mobilidade/Erasmus/> acessado em 27 de Julho de 2012.

¹⁴ TIC é abreviação para Tecnologias. Dentro da pedagogia entende-se que: As tecnologias se caracterizam por: tecnologias de informação, tecnologias de comunicação, tecnologias interativas, tecnologias colaborativas. As tecnologias de informação são as formas de gerar, armazenar, veicular e reproduzir a informação. As tecnologias de comunicação são as formas de difundir informação, incluindo as mídias mais tradicionais, da televisão, do vídeo, das redes de computadores, de livros, de revistas, do rádio, etc. Com a associação da informação e da comunicação há novos ambientes de aprendizagens, novos ambientes de interação. A Tecnologia Interativa é a elaboração concomitante por parte do emissor (quem emite a mensagem) e do receptor (quem recebe a mensagem), codificando e decodificando os conteúdos, conforme a sua cultura e a realidade onde vivem. As tecnologias interativas se dão através da televisão a cabo, vídeo interativo, programa multimídia e internet. As tecnologias colaborativas facilitam as interações entre pessoas e o mundo, permitem um trabalho em equipe satisfatório, e com as diferentes linguagens proporcionam tipos diferentes de aprendizagens. Na agenda do século XXI, o professor deve colocar as tecnologias como aliadas para facilitar o seu trabalho docente. Deve-se usá-las no sentido cultural, científico e tecnológico, de modo que os alunos adquiram condições para enfrentar os problemas e buscar soluções para viver no mundo contemporâneo. Ao professor cabe o processo de decisão e condução do aprendizado. De acordo

Apoio as seguintes acções:

- A mobilidade de estudantes (estudos, formações ou estágios), do pessoal docente e de outro pessoal em estabelecimentos de ensino superior e de pessoal das empresas, para efeitos de ensino ou formação, os programas intensivos Erasmus organizados a nível multilateral, bem como a ajuda a estabelecimentos de origem e de acolhimento, tendo em vista garantir a qualidade da mobilidade. As acções de mobilidade representam, pelo menos, 80% do montante atribuído a este programa;
- Os projectos multilaterais centrados na inovação, na experimentação e no intercâmbio de boas práticas;
- As redes multilaterais, como as redes temáticas Erasmus, geridas por consórcios de estabelecimentos de ensino superior e que representem uma disciplina ou um domínio interdisciplinar;
- As medidas de acompanhamento.

Sendo assim, o estudante de graduação quando decide participar do programa Erasmus, se fosse se restringir tão somente a vivência acadêmica, teria que ter em mente todos esses tópicos. Porém, o que percebemos que o programa ultrapassou fronteiras e transformou o Erasmus em um agente maior que um estudante, tornou-o um agente cultural capaz de promover uma revolução e construir através de muitas representações, uma identidade.

3.2 A comunidade

com Gadotti, o professor deve ser um aprendiz permanente e um organizador da aprendizagem. Esclarecemos que um ambiente de aprendizagem não pode se transformar em mero transmissor de informações, mas, na efetivação da comunicação e construção colaborativa do conhecimento. (HAMZE, 2012)

ERASMUS - *EuRopean Community Action Scheme for the Mobility of University Student*- significa literalmente: Ação esquematizada para a mobilidade de estudantes universitários na comunidade europeia. E, é um programa, como o próprio nome sugere, da União Européia que foi criado em 1987.

O programa consiste em oferecer bolsas de estudos para que estudantes da graduação ou mestrado dos países membros da União Européia e países candidatos a tornar-se membro, possam estudar em outros países que não o que cursam a universidade.

O período de estudo pode variar de 3 meses a 1 anos, podendo ser prorrogado em casos especiais. Com isso há um intenso fluxo de estudantes estrangeiros dentro da UE. Durante os 25 anos do programa Erasmus, 2 milhões de alunos foram beneficiados com as bolsas de incentivo ao estudo.

O programa estende-se também a professores, alunos de pós-graduação e mesmo funcionários técnicos e administrativos das universidades. No entanto, o foco principal é a mobilidade dos estudantes de graduação.

Mesmo ao realizarmos uma pesquisa superficial é possível perceber o sucesso e a aprovação que este programa conquistou. Em sítios que hospedam vídeos, podemos ver registros de grupos de amigos das mais diversas nacionalidades festejando, viajando juntos, tendo uma experiência única de troca, conhecimento, intercâmbio cultural.

A partir da criação do programa deu-se início a intensas modificações que só poderão ser mensuradas com mais precisão daqui há alguns anos. Visto que o jovem programa ERASMUS, ainda nem terminou a faculdade, com 25 anos ainda está em ritmo de festa e pouco reflete sobre si mesmo.

Com suas mais de duas décadas de História o programa europeu de mobilidade acadêmica, ganhou desdobramentos. Destacamos aqui o seguinte: originalmente

ERASMUS, significa tão somente o programa de incentivo a mobilidade acadêmica dentro do território da União Européia e países candidatos. Todavia, com o passar dos anos e o fortalecimento dessa rede, alunos provenientes de outros países, durante seu intercâmbio em território Europeu, são aceitos pelos demais membros dessa comunidade como membro, igual e parte. Ou seja, independente de ser um aluno europeu e beneficiado pela bolsa do programa ERASMUS, o aluno vindo das Américas, Ásia, Oceania etc. É tido como Erasmus pelo grupo.

É possível que alunos vindos de outros lugares, que não Europa, freqüentem os grupos, festas, reuniões, viagens Erasmus. Inclusive, esses alunos, caso queiram, possuem carteiras das associações de estudantes ERASMUS- vamos desenvolver melhor esse tópico no decorrer do texto-, que dá livre acesso a eventos da comunidade.

Cria-se então, um sentimento de unidade do grupo. A comunidade legitima-se principalmente pelo fato de serem todos estudantes de graduação fora de seu território nacional e pelo grupo imaginar que todos partilham dos mesmos afetos, ideias, visões de mundo, anseios. Para entender o fenômeno de identificação que acontece nesse grupo, consideramos o conceito construído por Benedict Anderson (2008) sobre Comunidade Imaginada. Diferentes signos e identidades podem ser adotados e considerados por determinado grupo de pessoas para que os mesmos sintam-se parte de algo.

No livro, o autor e cientista político americano, descreve os processos da criação das identidades nacionais, através da história mundial moderna. Anderson, explica que o sentimento nacional não nasce com cada pessoa, ele é criado e nutrido pela comunidade na qual o indivíduo está inserido e aparece como sendo um sentimento limitado, porém, soberano¹⁵. E, que isso gera um enorme vínculo entre as pessoas que se entendem como cidadãos de um mesmo país, mesmo quando desconhecidos.

A partir disso, tomamos Erasmus como uma comunidade forte, que utiliza o termo “Erasmus” como forma, entre outras, de identificar-se. Durante o período do intercâmbio, então, a identidade nacional dá lugar – de maneira geral – à identidade

¹⁵ Limitada no sentido de que difere de outra nação e/ou termina quando outra nação começa, territorialmente e mesmo no que tange ao imaginário. Soberana porque só assim é garantida a liberdade (Anderson, 2008).

cultural. Como afirma o estudante de produção cultural da Universidade Federal Fluminense (UFF), Estevão Goldani :

“Com certeza o selo Erasmus já é capaz de decretar essa união. A vontade de conhecimento e da troca ultrapassa qualquer língua ou fronteira”.

Com o fortalecimento da prática do intercâmbio dentro do bloco europeu, a palavra ERASMUS, ganhou outro significado. Passou a ser uma identidade, utilizada como forma de caracterizar membros do grupo, pessoas aceitas como iguais, quase uma irmandade. A força do nome, pode ser averiguada através de expressões que foram criadas ao longo dos anos, tais como: “ festa erasmus”, “ estilo de vida erasmus”, “ amigos erasmus”, “uma vez erasmus, sempre erasmus” etc.

Sabemos que as identidades são necessárias para que não percamos nossos referenciais, contudo, nessa comunidade acontece um fenômeno: as identidades nacionais não servem por si só para designar o grupo, por tratar-se de um conjunto de pessoas de nacionalidades diversas. Então, cria-se a identidade própria da comunidade. E, talvez seja natural que essa comunidade tenha adotado como nome o programa que possibilitou essa mobilidade e, conseqüente descoberta.

A estudante de design espanhola Marta Garcia, quando perguntada se sentia-se mais espanhola do que antes da experiência do ERASMUS, respondeu:

“A verdade é que não me sinto mais espanhola do que antes. Ao contrário, agora me sinto mais italiana, turca, polaca, alemã, brasileira, portuguesa...”

Visto isso, conseguimos entender, que nossa é provável que Erasmus tornara-se uma comunidade maior que seu projeto original (como programa de mobilidade dentro do continente europeu) e, passamos a tentar investigar alguns traços dos seus membros e o que esses estudantes sentiam durante e depois da experiência.

Podemos perceber que o programa configura uma ação estratégica de governo e que, alcançou outras significações constituído-se, portanto, como uma política

cultural¹⁶. Mesmo sendo originalmente do campo da educação, o programa de mobilidade, afeta diretamente as práticas culturais de milhões de pessoas.

3.2 Identidade Erasmus

Entre as mudanças que podemos perceber, aconteceu a criação das associações para estudantes Erasmus, que funcionam em sistema de rede e consistem em ser o suporte, o apoio ao estudante que chega em uma cidade estranha sem conhecer nada nem ninguém. Entre os serviços mais variados, as associações ajudam a afirmar o caráter de comunidade, através de uma linguagem própria e universal, elas fornecem guias da cidade com dicas e explicações de todos os tipos (geralmente na língua local e em inglês), desde hábitos culturais locais, expressões, até mapas, bilhetes de transportes públicos, cartão telefônico (para os primeiros dias do estudante estrangeiro na cidade) e todo o tipo de suporte para que o aluno sintá-se o mais seguro possível.



As associações promovem festas, viagens, aulas de culinária típica, passeios por pontos turísticos, encontros com associações de cidades vizinhas etc. A maioria delas não conta com recursos da União Européia e sobrevivem graças a renda gerada pelos

¹⁶ Adotamos o conceito encontrado no dicionário crítico de políticas culturais do autor Teixeira Coelho (1997), sobre política cultural: “a política cultural é entendida habitualmente como programa de intervenções realizadas pelo Estado, instituições civis, entidades privadas ou grupos comunitários com o objetivo de satisfazer as necessidades culturais da população e promover o desenvolvimento de suas representações simbólicas. Sob esse entendimento imediato, a política cultural apresenta-se assim como o conjunto de iniciativas, tomadas por esses agentes, visando promover a produção, distribuição e o uso da cultura, a preservação e divulgação do patrimônio histórico e o ordenamento do aparelho burocrático por elas responsável.” (COELHO, 1997, p.293)

seus eventos, a única que se tem registro que recebe apoio do bloco europeu é a maior e mais famosa das associações que se chama- Erasmus Student Network- ESN.

. O mais interessante sobre essas redes é que elas são geridas e organizadas pelos próprios estudantes locais, em sua maioria que já foram Erasmus, e decidiram continuar no projeto de maneira voluntária, quando retornam a seu país natal, tornando-se o ponto de apoio e encontro dos estudantes estrangeiros que buscam esse tipo de ajuda.

As associações possuem programas sociais e de inclusão dos mais variados. Um dos mais populares chama-se “buddy”- algo como colega em inglês-, onde um estudante local é convidado a “adotar” um estudante estrangeiro, buscando-o no aeroporto, levando para conhecer a cidade, apresentando seus amigos, ensinando a língua local, etc.

Uma outra ação própria das associações é a utilização das carteirinhas. É disponibilizada listagem pelas universidades locais, com os nomes de todos os estudantes estrangeiros do semestre, e, portanto, eles estão autorizados a ter uma identificação da associação. Com a qual ganha-se descontos em vários estabelecimentos e outras facilidades dentro do bloco europeu, como entrada livre em museus e bibliotecas. As carteiras tem validade de um ano, o período máximo para ser oficialmente Erasmus.



Outro fenômeno que podemos perceber foi que as associações de apoio a estudantes estrangeiros ao redor do mundo, passaram a utilizar o termo “Erasmus” para identificar-se como tal. Na cidade do Rio de Janeiro, a associação criada pelos estudantes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 2008, adotou em seus primeiros anos em vigor, o nome “ERASMUS- Rio de Janeiro”. Em 2012, foi que decidiram adotar o nome “REI- Rede de Estudantes de Intercâmbio”, mas, ainda

mantém em suas páginas *online* a palavra Erasmus, vide imagem¹⁷ a seguir:



Erasmus, contudo, é um elemento identitário e serve como signo para quem tem conhecimento do que isso pode significar. Como citamos no enunciado desta sessão, Erasmus está sendo utilizado, inclusive, para caracterizar uma cidade.

Desde 2008 existe um projeto em Lisboa, Portugal, para que a cidade lusitana torne-se uma cidade Erasmus, o que nas palavras dos defensores dessa estratégia, representantes do Estado e das universidades públicas de Lisboa, prevê:

a reabilitação de edifícios em bairros históricos para residências universitárias, a construção de novos edifícios, a certificação de quartos e a divulgação da oferta de alojamento para estudantes, docentes e investigadores”, para além da comunicação visando a “projecção internacional de Lisboa como destino de referência” e o apoio aos estudantes em formas facilitadas de acesso à cultura, ao desporto e ao lazer. (Concelho Municipal de Lisboa, 2008)

Durante o lançamento dos planos de “Lisboa Cidade Erasmus”, em 2008, o Concelho Municipal de Lisboa recebeu estudantes Erasmus e,

O reitor da Universidade de Lisboa, Sampaio da Nóvoa, que se dirigiu aos estudantes em inglês (...), a quem apelou para que “cultivem a língua portuguesa e sejam os (...) embaixadores nos seus países”. Este protocolo será, assim, uma forma de competição que nos ajudará a “servir melhor”. Fernando Ramôa Ribeiro, da Universidade Técnica, constatou que “Lisboa é cada vez mais uma cidade Erasmus, mais jovem e com mais vida, com surf todo o ano, embora a ambição seja atrair ainda mais estudantes”. Por seu lado, António Rendas, da

¹⁷ Imagem retirada da página do facebook da associação em Setembro de 2012.

Universidade Nova de Lisboa, considerou que o programa Erasmus “é uma das criações mais importantes da União Europeia, traduzindo-se numa maior mobilidade própria dos tempos novos,¹⁸ (Concelho Municipal de Lisboa, 2008)

O representante de Lisboa ainda afirmou que pretende com o projeto de tornar Lisboa uma cidade Erasmus e, assim:

promovendo a cidade tradicionalmente local de “cruzamento de culturas”, por forma a internacionalizar cada vez mais Lisboa, “duplicando o número de estudantes Erasmus”, ao abrigo deste programa “positivo para a Europa, porque a fortalece”. (Concelho Municipal de Lisboa, 2008)

Através dessas fontes de pesquisa, averiguamos que a identidade Erasmus ganha muitas significações e constitui um signo vigente e valioso dentro do circuito estudantil e, principalmente, dentro da comunidade.

A tensão que surge do convívio entre sujeitos de diferentes nacionalidades em um mesmo meio, espaço físico coloca em confronto uma série de pré-conceitos, estereótipos, verdades e mitos. A percepção sobre as características individuais e coletivas ganham outras dimensões. O capital pós-moderno passa a ser a capacidade de mobilidade e, acompanhando isso, o jovem, por tradição histórica: catalisador das mudanças, torna-se móvel, adaptável, novo de novo.

Procuramos então desenhar um diagnóstico de quem seria esse indivíduo, quem se torna depois da experiência. Quem é o Erasmus?

3.4 Erasmus, quem?

Para tentar entender quem seriam essas pessoas e de que forma o intercâmbio acadêmico na graduação poderia torná-los membros de um grupo, com uma identidade própria e de que maneira essa experiência de viver fora do seu país para estudar, afetaria esses indivíduos, decidimos aplicar um questionário aberto, como maneira de delimitar as questões e pontos importantes, descrever o pensamento dos estudantes

¹⁸ Trechos retirados do sítio do Concelho Municipal de Lisboa: <http://www.cm-lisboa.pt/?idc=88&idi=40819>
Acessado em Outubro de 2012

universitários que realizaram o ERASMUS e investigar o que os torna comuns ou estranhos. E, que o programa que fora desenhado pela União Europeia como uma maneira de criar uma maior mobilidade dentro do continente e consciência do que é ser europeu, extravasou seus limites e tornou-se uma comunidade, uma identidade.

.Foram aplicados dois tipos de questionários a dois tipos de grupo:

- Grupo 1: Estudantes estrangeiros que fizeram Intercâmbio na mesma cidade (Lisboa), durante o mesmo período: 2010-2011.
- Grupo 2: Estudantes de Produção Cultural que fizeram intercâmbio acadêmico pela Universidade Federal Fluminense, durante o período de 6 meses a um ano, mas, sem necessariamente ser no mesmo ano e/ou semestre.

A constante que encontramos entre os estudantes estrangeiros foi a tomada de consciência de uma cidadania global. Que os estudantes estrangeiros de graduação, com idades entre 18 e 25 anos, tem comportamento, visões de mundo e perspectivas muito parecidas e/ou as entendem como sendo parecidas. Entre os discursos dos entrevistados não raro foi encontrar sentenças como: “Me sinto mais Humano”, “Somos todos os mesmos”.

Entre o grupo 2, os produtores culturais foram categóricos ao afirmarem, todos, a importância da vivência no exterior para estudo, como entendimento “vivo” das culturas e de seu papel como mediador. E, que isso teve influências em sua carreira.

A nossa entrevistada e ex-aluna da UFF, Mestre Vanessa Pessoa, que realizou a mobilidade em 2004 para Sevilla, Espanha, ressalta sua experiência como “Um divisor de águas”. E, isso pôde ser percebido nas outras entrevistas, justificando o fato de uma tomada de consciência do seu papel profissional, político, da visão mais ampla da vida.

A pesquisa que utilizamos como fonte, do Professor King, da Universidade de Sussex (2001), levanta questões relevantes a este tema, ao realizar questionários com um grupo de estudantes que passaram um ano fora de seu país e estudantes que não tiveram essa experiência.

Suas mais expressivas hipóteses e possíveis conclusões, foram:

Os estudantes que passam um ano fora de seus países passam a ter maior consciência da sua identidade europeia, a ter maior percepção das questões europeias, e estão mais propensos a buscar sua carreira e caminho depois da migração.

Que viver sozinho nessa primeira fase da vida adulta pode hipoteticamente ter efeitos na formação da identidade pessoal e, as bolsas de estudo podem fazer o estudante uma pessoa com uma maior pré-disposição a mobilidade e com maior independência.

O professor ressalta ainda que os estudantes, foram pioneiros na migração de países pobres para países ricos e que em seu retorno ao país de origem tem importância crucial no desenvolvimento político e tecnológico.

Os estudantes tornam-se líderes quando retornam aos seus países, tem uma absorção mais elevada pelo mercado de trabalho, tornam-se mais participativos na comunidade em que vivem.

Os ex-intercambistas, tendem a procurar outras experiências do tipo através de cursos de mestrados, pós-graduações ou mesmo trabalho em um outro país.

O estudo revela ainda que os laços afetivos e sociais construídos durante o período de intercâmbio perduram e, que grande parte dos estudantes retornam a cidade na qual viveram para realizar o ERASMUS, por motivos como amizade, relacionamentos amorosos, pela cidade em si ou para dar continuidade a algum tipo de estágio realizado durante o ERASMUS. O que nos revela, mais uma vez, que essa experiência é bastante difícil de quantificar e mensurar e que seus reflexos na vida do estudante dão-se por toda a vida.

Essas hipóteses foram testadas com um grupo controle de graduandos de Sussex antes e depois de ir para um ano fora do país, no caso, Reino Unido para testar as pré e pós-perspectivas de vida em relação ao intercâmbio. Na nossa pesquisa, no caso do grupo 1 (estudantes estrangeiros e brasileiros de cursos variados), quando fora realizada a pesquisa alguns estudantes ainda estavam em intercâmbio, no caso do grupo 2 (alunos de produção cultural da UFF), eles já haviam retornado da mobilidade acadêmica.

Entendemos que gráficos não são a melhor maneira de expressar o que essa experiência pode significar, todavia, é uma maneira prática de lidar com algumas subjetividades em uma tentativa de tornar mais compreensível questões tão complexas.

O seguinte questionário foi aplicado ao grupo 1:

Nome:

Idade:

Cidade/ País:

1-Quanto tempo você ficou fora do seu país?

2-O que mais você sentiu falta do seu país?

3-Você acredita que se tornou uma pessoa mais tolerante depois do seu *Erasmus*?

4-O que você aprendeu de mais importante com essa experiência?

5-O que mudou em você com a experiência do *Erasmus*?

6-Você se sente mais espanhola do que antes de sair do seu país?

7- Antes do *Erasmus* você tinha alguma visão distorcida sobre determinada cultura e/ou país que mudou? Por quê?

Ao grupo 2, aplicamos o questionário seguinte:

Nome:

Curso:

1- Você ficou quanto tempo em intercâmbio acadêmico? Em que cidade e país?

2- O curso no exterior fez diferença na hora de buscar um emprego? De que maneira?

3- O que mudou em você depois da experiência do intercâmbio acadêmico?

4- O que você considera sendo o fator de maior importância nessa experiência?

5- Como produtor cultural, o que mudou pra/em você depois do intercâmbio?

6- Você acredita que se tornou uma pessoa mais tolerante/compreensiva em relação a outras culturas e práticas culturais?

7- Você acredita que o intercâmbio acadêmico colaborou para uma visão mais ampla do que pode ser o papel de mediador de um produtor cultural? Porque?

8- Você se tornou uma pessoa mais politizada depois dessa vivência no exterior?

9- O contato com estudantes universitários de outros países te fez/faz acreditar que existe uma "cidadania global" ou/e uma "Identidade Erasmus", no sentido de que pessoas que se propõem a essa experiência mesmo de culturas diversas podem ter traços, angústias, perspectivas etc. em comum?

10- De que maneira a experiência do Intercâmbio acadêmico influenciou a sua formação como produtor cultural?

Através dessas questões geramos chegamos as seguintes premissas:

Os dois grupos tem em comum a visão positiva do intercâmbio. Os que já haviam realizado falavam com certa nostalgia do período que viveram e os que ainda estavam fora de seu país natal, falavam com medo de que a experiência chegasse ao fim e, todos consideravam essa experiência como um divisor de águas, um marco na vida pessoal e profissional.

Os estudantes estrangeiros\ europeus não entendiam muito bem quando perguntados sobre identidade, enquanto os estudantes de produção cultural apresentaram total domínio do tema.

O grupo 2 não entendeu bem o que tentamos dizer com "identidade erasmus", a maioria ficou preza ao juízo de valor do nome, relacionando-o diretamente com o programa e com o fato de que oficialmente eles não podem ser considerados Erasmus, mesmo que tenham se entendido, durante o intercâmbio, como tal.

Os estudantes dos grupos 1 e 2 destacam a experiência pessoal, a vivência cultural e contato com hábitos, comidas, práticas diferentes como algo imensurável e o estabelecimento de amizades com pessoas de nacionalidades diferentes como algo o maior ganho.

Parte do grupo 2 não reconhece ainda a influência do intercâmbio como vantagem na hora de buscar um emprego, mas a maioria reconhece esse valor e destaca que é um fato nas entrevistas de emprego como esse fator chama a atenção do empregador.

O grupo dos estudantes estrangeiros apresentou um dado que não contávamos quando iniciamos a pesquisa, foi recorrente em diferentes questões o discurso que depois do Erasmus, eles não teriam mais medo de viajar e ter contato com outros idiomas e culturas. A palavra "medo" e "coragem" foram bastante freqüentes.

O grupo 2, destacou a oferta de museus e equipamentos culturais da Europa como fator muito importante dessa vivência no exterior, atribuindo a isso, sua nova – em teoria- visão como gestor de cultura. Outro dado diferencial entre os 2 grupos é que a maioria dos estudantes estrangeiros do grupo 1 não aprenderam a língua local, enquanto, os estudantes de produção cultural da UFF, desde 2008 (ano que se tem registro do começo da mobilidade no curso) deixam de ir para países de línguas diferentes de espanhol, português e francês, por conta da barreira linguística.

Nas universidades européias as aulas podem ser dadas em inglês, o que não obriga que os estudantes aprendam a língua. Mas, caso o aluno não seja fluente em inglês deverá falar a língua local.

Nos dois grupos tivemos dificuldades para obter as respostas. Mas o grupo 2 apresentou uma falta de compromisso maior, de 22 questionários enviados, apenas 6 alunos de produção cultural responderam. Dos outros 16 estudantes, 80% concordou em conceder a entrevista e depois de enviado o questionário por email, nunca mais respondeu. E, 20%, disse que iria responder as perguntas até semana passada, mas, não responderam. Quanto ao grupo 1, dos que concordaram em conceder a entrevista, todos responderam ou na mesma hora, ou na mesma semana.

De maneira geral, os dois grupos responderam às perguntas da maneira que imaginamos, visto que após ter vivido o Erasmus e observado o comportamento da comunidade, foi mais fácil elaborar as questões para tentar corroborar o que percebera.

Podemos supor, então, que estudantes de graduação que propõem-se a realizar o intercâmbio acadêmico, possuem muitos traços em comum. A idéia de uma cidadania global aparece cada dia mais nas falas, propagada pelas mídias, pelo momento ou pelos encontros, fato é que essa cidadania está evidente em determinados nichos. E, pode-se acreditar que no grupo que denominamos Erasmus os anseios, buscas e gostos estão bastante próximos mesmo daqueles que estão distantes.

A palavra “tolerância” é a mais presente nas falas de todos os entrevistados. Parece que colocar-se diante do diferente é um teste que torna esses indivíduos críticos e mais conscientes, de sua identidade, da do outro, e da identidade que partilham e, por isso, tolerável.

Os possíveis recortes para os dados da pesquisa são muitos, indicadores para áreas de cultura são delicados de serem produzidos, por isso, preferimos levantar algumas questões a apresentar uma questão delimitada, então, em anexo pode-se conferir todos os questionários aplicados e, assim, o leitor poderá desvendar quem é o Erasmus através de seu olhar e, não somente, pela nossa leitura dos dados.

CONCLUSÃO

Comecei essa pesquisa movida pelo entusiasmo da experiência do intercâmbio que realizei entre 2010 e 2011 na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias em Lisboa, Portugal. Durante o período em que vivi lá, descobri o Erasmus e, que eu, era uma Erasmus mesmo quando não fazia idéia do que isso significava naquele contexto.

Foi muito interessante perceber como as pessoas passam a se relacionar quando reconhecem outro Erasmus. Os que já foram, querem te ajudar. Os que tem vontade de ir, te entrevistam e os que o são, te adotam como amigo. Esse comportamento me causou estranheza e curiosidade. Percebi ai uma fonte de possibilidades para aprofundar meus estudos e percepções como produtora cultural.

Durante todo curso de produção cultural tivemos aulas que contemplaram temáticas como identidades, práticas, políticas, produtos culturais e tivemos acesso a estudos sobre comportamento Humano, o que foi ferramenta fundamental para que cruzasse os campos de conhecimento e seguisse na tentativa de construir uma pesquisa coerente e que pudesse servir como registro para futuras pesquisas nesse âmbito para os alunos de produção cultural da UFF.

Com o presente trabalho procuramos entender o que acontece no intercâmbio e como essa prática virou um fenômeno e um sucesso entre os jovens e quais outras significações isso poderia ganhar na sociedade. Alguns teóricos já falam em “líderes Erasmus”, prevendo que os futuros líderes de Estado serão pessoas que realizaram intercâmbio e que isso seria determinante social e politicamente.

Durante o processo de construção do “Meu querido Erasmus” -nome esse escolhido propositalmente, por tratar-se de um tema que nasceu a partir de uma motivação extremamente pessoal- muitas hipóteses surgiram, no entanto, escolhemos não optar por um único juízo de valor, pois isso seria cair em um erro e delimitar um tema abrangente e rico.

Muitos dados não puderam ser provados cientificamente e ficaram de fora dessa pesquisa. Informações que pertencem ao âmbito da vivência, do dia-a-dia, como, por exemplo: o compromisso dos alunos, detalhes do comportamento, práticas que puderam ser percebidas em diferentes momentos e grupos, mas, que ainda não encontraram embasamento teórico na academia. Por isso, esse é um tema que pretendo continuar explorando e tratando nos meus estudos que seguem.

O que concluímos é que apesar da internet diminuir as distâncias, muitas vezes cria também abismos, que podem ser superados quando os indivíduos sentem-se parte de algo, quando acreditam que além do monitor existe alguém que pode entendê-lo.

A conclusão foi feita durante as seções desta pesquisa, e, o melhor é que não existe uma resposta, mas, muitas possibilidades. E, todas elas falam de educação, conhecimento, trocas, entendimentos e, palavras que juntas podem e devem construir um mundo melhor, um mundo Erasmus no que significa respeito, oportunidades, bem estar social, tolerância, partilhas, laço, inclusão e desenvolvimento social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia Das Letras, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Sociedade Individualizada**: vidas contadas e histórias vividas. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BERABA, Ana Luiza. **América aracnídea**: Teias culturais interamericanas. São Paulo: Civilização Brasileira, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

CALABRE, Lia. **Textos nômades**: políticas culturais no Brasil: história e contemporaneidade. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2010.

COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural**. 3. ed. São Paulo: Iluminuras, 2004.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva** .: por uma antropologia do ciberespaço. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

HALL, Stuart. **A IDENTIDADE CULTURAL NA POS-MODERNIDADE**. 9. ed. Rio de Janeiro: Dp&a, 2004.

OLIVEIRA, Sidnei. **Geração y**: o nascimento de uma nova versão de líderes. São Paulo: Integrare, 2010.

SANTOS, Boaventura Sousa. **Pela mão de alice**: o social e o político na pós-modernidade. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

REFERÊNCIAS ONLINE

AFS. **American Field Service**. Disponível em: <<http://www.afs.org.br/>>. Acesso em: 25 mar. 2012.

AIESEC. **Aiesec**. Disponível em: <<http://www.aiesec.org.br/>>. Acesso em: 25 mar. 2012.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da educação**. Artigo escrito em 2000.. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v14n2/9782.pdf>>. Acesso em: 3 abr. 2012.

HAMZE, Adriana. **AS TICS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA**. Disponível em: <<http://educador.brasilescola.com/trabalho-docente/as-tics-na-pratica-pedagogica.htm>>. Acesso em: 29 jul. 2012.

ITAMARATY. **Itamaraty**. Disponível em: <<http://www.itamaraty.gov.br/>>. Acesso em: 25 mar. 2012.

ROTARY. **Rotary club**. Disponível em: <<http://www.rotary.org.br/>>. Acesso em: 25 mar. 2012.

SANTOS, Boaventura Sousa. **A UNIVERSIDADE NO SÉCULO XXI: PARA UMA DEMOCRÁTICA E EMANCIPATÓRIA DA UNIVERSIDADE**. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/bss/documentos/auniversidadedosecXXI.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2012.

SUSSEX UNIVERSITY (Inglaterra). Prof Russel King e Enric Ruiz-gelices. **International student migration and the European "Year Abroad": effects on European identity and subsequent migration behaviour**. utilizamos a data do artigo nas referências, que é de 2001.. Disponível em: <<http://sro.sussex.ac.uk/11293/>>. Acesso em: 25 mar. 2012.

UNESCO. **Adolphe ferrierre**. Disponível em:

<http://www.ibe.unesco.org/fileadmin/user_upload/archive/publications/ThinkersPdf/ferrierres.PDF>. Acesso em: 15 ago. 2012.

UNIÃO EUROPÉIA. **Lifelong learning programme**. Disponível em:

<http://ec.europa.eu/education/lifelong-learning-programme/erasmus_en.htm>. Acesso em: 04 abr. 2011.

UNIÃO EUROPÉIA. **The ERASMUS Programme – studying in Europe and**

more. Disponível em: <http://ec.europa.eu/education/lifelong-learning-programme/erasmus_en.htm>. Acesso em: 18 de mar. De 2012

ANEXO I

Nome: Estevão Goldani

Idade: 22 anos

Nacionalidade: Brasileiro

Curso: Produção Cultural – UFF

Período na época do intercâmbio: 6

1- Você ficou quanto tempo em intercâmbio acadêmico? Em que cidade e país?

Um semestre na cidade do Porto em Portugal.

2- O curso no exterior fez diferença na hora de buscar um emprego? De que maneira?

Sim, sempre pesa. A importância acadêmica dessas instituições é bem-vinda no Brasil, principalmente apresentando os trabalhos lá produzidos.

3- O que mudou em você depois da experiência do intercâmbio acadêmico?

Tudo. Desde algumas manias pessoais até o meu ponto de vista em relação a diversas questões sociais. A Europa me abriu caminhos e a mente.

4- O que você considera sendo o fator de maior importância nessa experiência?

A troca intercultural, variando de formas de estudo a todos os tipos de experiências com pessoas distintas a mim. Junto a ele vem o conhecimento e junto a este, novas oportunidades.

5- Como produtor cultural, o que mudou pra/em você depois do intercâmbio?

Não mudou deveras, até porque as realidades e particularidades de cada local são exclusivos destes mas veio a acrescentar. Novos exemplos geram novas ideias.

6- Você acredita que se tornou uma pessoa mais tolerante/compreensiva em relação a outras culturas e práticas culturais?

Claro que sim, uma vez que se vive é possível compreender, em seguida a compreensão vem a aceitação.

7- Você acredita que o intercâmbio acadêmico colaborou para uma visão mais ampla do que pode ser o papel de mediador de um produtor cultural? Porque?

Acredito que sim, conhecendo outras perspectivas e pontos de vista pude exercitar meu papel de mediação comigo mesmo. O mediador tem sempre que estar em contato com as duas ou muitas realidades que convive.

8- Você se tornou uma pessoa mais politizada depois dessa vivência no exterior?

Não. Não busquei comparações entre um país ou outro ou perdi noites me contestando em relação a modelos econômicos ou sociais, apenas vive a beleza da diferença.

9- O contato com estudantes universitários de outros países te fez/faz acreditar que existe uma "cidadania global" ou/e uma "Identidade Erasmus", no sentido de que pessoas que se propõem a essa experiência mesmo de culturas diversas podem ter traços, angústias, perspectivas etc. em comum?

Com certeza, este selo(Erasmus) ou qualquer outro distinto por conta geográfica ou política já é capaz de decretar essa união. A vontade de conhecimento e da troca ultrapassa qualquer língua ou fronteira. O homem é o mais curioso dos seres.

10- De que maneira a experiência do Intercâmbio acadêmico influenciou a sua formação como produtor cultural?

Definiu o meu caminho dentro dessa vasta profissão que é a de produtor cultural, fez de mim um melhor ouvinte e uma pessoa mais experiente. Uma experiência incrível e dinâmica que pode ter sido a mais importante dentro da minha vida acadêmica e também fora dela.

Nome: Priscila França Ramos

Idade ao realizar o intercâmbio: 21 anos

Curso: Produção Cultural- UFF

Período na época do intercâmbio: 6

1- Você ficou quanto tempo em intercâmbio acadêmico? Em que cidade e país?

6 meses, em Lisboa, Portugal

2- O curso no exterior fez diferença na hora de buscar um emprego? De que maneira?

Fez um pouco, visto que eu segui a área de prestação de contas, e lá eu tive uma disciplina chamada Gestão Orçamental e Financeira, que não temos em procult.

3- O que mudou em você depois da experiência do intercâmbio acadêmico?

A experiência de morar longe de toda a família e amigos me fez ter que correr atrás das coisas por mim mesma, coisa que eu não fazia antes. Me fez ter mais paciência em conviver/morar com pessoas muito diferentes de mim também.

4- O que você considera sendo o fator de maior importância nessa experiência?

Bom, acredito que a oportunidade de cursar matérias que não tenho na UFF, e o fato de aproveitar que estava em um país de língua portuguesa, para fazer um estágio não-remunerado. Essa poderia ser uma prática que a AAI poderia incentivar, para quem vai para Portugal com bolsa de estudos. Já que não vai aprender um novo idioma, é uma forma de se aperfeiçoar profissionalmente. Na área cultural não é difícil. Estabelecer parcerias com museus, teatros, galerias etc.

Além disso eu aproveitei para fazer os 2 estudos de caso da minha monografia lá, pesquisando nos 2 museus em questão material, entrevistas etc.

5- Como produtor cultural, o que mudou pra/em você depois do intercâmbio?

Como produtora cultural, o intercâmbio ampliou meu conhecimento no campo artístico, por causa dos museus e espaços culturais que visitei, e aumentou meu conhecimento sobre a cultura de outros países. Na parte prática, aprendi a lidar muito com as artes plásticas, a cuidar de obras, a montar exposições, por causa do estágio em uma galeria de arte. Foi mais pela experiência por fora da faculdade do que dentro dela.

6- Você acredita que se tornou uma pessoa mais tolerante/compreensiva em relação a outras culturas e práticas culturais?

Com certeza absoluta. Esse foi um dos meus maiores aprendizados. Vivenciar por muito tempo uma cultura diferente te faz perceber melhor e ser mais compreensivo. E o fato de sermos intercambistas, acabamos por conhecer intercambistas de vários países (os Erasmus), o que aumenta ainda mais essa experiência.

7- Você acredita que o intercâmbio acadêmico colaborou para uma visão mais ampla do que pode ser o papel de mediador de um produtor cultural? Porque?

Não, acho que a UFF já me proporcionava muito bem essa visão. Ao entrar na UFF a minha visão sobre isso já ficou bem mais ampla.

8- Você se tornou uma pessoa mais politizada depois dessa vivência no exterior?

Um pouco, por causa das questões burocráticas de visto de residência.

9- O contato com estudantes universitários de outros países te fez/faz acreditar que existe uma "cidadania global" ou/e uma "Identidade Erasmus", no sentido de que pessoas que se propõem a essa experiência mesmo de culturas diversas podem ter traços, angústias, perspectivas etc. em comum? Com certeza.

10- De que maneira a experiência do Intercâmbio acadêmico influenciou a sua formação como produtor cultural?

A minha formação ficou mais ampla e completa, visto que tive oportunidade de conhecer outras culturas, visitar centros culturais conhecidos no mundo todo, tive a experiência de um estágio internacional e de cursar matérias que não temos na UFF.

Nome: Isabela Athayde

Curso: Produção Cultural- UFF

1- Você ficou quanto tempo em intercâmbio acadêmico? Em que cidade e país?

Fiquei 6 meses em Sevilla, na Espanha

2- O curso no exterior fez diferença na hora de buscar um emprego? De que maneira?

Um curso no exterior sempre influencia de forma positiva na hora de buscar trabalho. Os empregadores valorizam formação e experiência no exterior, não só pelo fato do aprendizado de um novo idioma, mas também pelo valor agregado da vivência de novas culturas.

3- O que mudou em você depois da experiência do intercâmbio acadêmico?

Para mim ter tido a oportunidade de viver e estudar por um tempo no exterior mudou bastante a minha conduta em relação ao meu micro e macro mundo. A partir da observação de vivências e práticas diferentes das minhas, eu pude comparar resultados tanto conceituais quanto técnicos dos procedimentos da minha realidade e das diversas outras com as quais convivi. Atualmente eu tento relativizar as situações, tanto no nível pessoal quanto profissional, buscando entender suas diversas facetas para encontrar as melhores soluções dentro dos prazos que eu tenho. Acredito também que essa experiência me ajudou bastante no trabalho com a paciência e a tolerância, mas principalmente no exercício crítico de avaliação do meu entorno e das possibilidades de implementar melhora.

4- O que você considera sendo o fator de maior importância nessa experiência?

Crescimento pessoal.

5- Como produtor cultural, o que mudou pra/em você depois do intercâmbio?

Como produtora cultural, me ajudou em muitos sentidos. Primeiro na absorção de novas práticas, novas formas de fazer, entender, produzir e gerir cultura. Segundo, compreensão de novos sentidos estéticos. Terceiro, o estímulo a criar novas formas de produção e consumo de cultura, deixando de lado modelos pré-estabelecidos para pensar a cultura de forma mais ativa e integradora.

6- Você acredita que se tornou uma pessoa mais tolerante/compreensiva em relação a outras culturas e práticas culturais?

Sim, já comentei anteriormente que ter visto a organização de outros países me auxiliou a entender algumas características da minha própria cultura. Além disso, me permitiu olhar o mundo e outras práticas culturais com menos estranheza, aceitando as diferenças e respeitando o comportamento e as escolhas de cada indivíduo ou tribo.

7- Você acredita que o intercâmbio acadêmico colaborou para uma visão mais ampla do que pode ser o papel de mediador de um produtor cultural? Porque?

Sim. O intercâmbio acadêmico colaborou, mas não foi só ele. Fazer intercâmbio não é só dentro da Universidade, é sobretudo o mundo externo a ela (a cultura da rua) que a gente tem que aproveitar ao máximo.

8- Você se tornou uma pessoa mais politizada depois dessa vivência no exterior?

Posso dizer que sim. Quando você está em outro país você passa a se interessar pelos aspectos locais e isso está completamente inserido na política.

9- O contato com estudantes universitários de outros países te fez/faz acreditar que existe uma "cidadania global" ou/e uma "Identidade Erasmus", no sentido de que pessoas que se propõem a essa experiência mesmo de culturas diversas podem ter traços, angústias, perspectivas etc. em comum?

Não sei se poderia chamar de uma "cidadania global" ou/e uma "Identidade Erasmus", mas sim, os estudantes compartilham expectativas e frustrações semelhantes. O que lhes diferencia é a forma como lidam com elas, e aí o elemento cultural tem um peso enorme.

10- De que maneira a experiência do Intercâmbio acadêmico influenciou a sua formação como produtor cultural?

De muitas maneiras, mas isso a gente só vai notando aos poucos. Não é uma influência imediata. Tudo depende da absorção e apreciação da experiência do intercâmbio e das situações posteriores que requeiram apropriações dessas experiências. Por exemplo, no campo da cooperação cultural me ajudou muito a entender como os países europeus trabalham o conceito da cooperação de forma diferente do Brasil e demais países latino americanos. Outra coisa que me chamou muito a atenção foi o cuidado que os europeus em geral dedicam ao patrimônio cultural (museu, monumentos e edifícios históricos, etc). O valor dado à memória é importantíssimo para a construção do imaginário coletivo. E acho que o Brasil ainda precisa trabalhar bastante essa questão da memória.

Nome: Gabriela Brandão

Período do curso quando realizou o intercâmbio: Jan 2008/ Jan 2009

Idade quando realizou o intercâmbio: 22/ 23 anos

1- Você ficou quanto tempo em intercâmbio acadêmico? Em que cidade e país? 1 ano, em Nice.

2- O curso no exterior fez diferença na hora de buscar um emprego? De que maneira? Não agregou exatamente no quesito emprego – ainda -, mas contribuiu muito para a decisão de voltar pra fazer um master. Voltei rápido pra aproveitar o gás.

3- O que mudou em você depois da experiência do intercâmbio acadêmico? Essa vivência de outra cultura, em todos os sentidos, amplia os horizontes. Além de falar, ler e pensar em outra língua, ainda que com restrições, vc fica imersa numa outra cultura – outra forma de agir, de se comportar e se relacionar. Não existe mais a unidade “meu país”. Hoje sou mais híbrida, vislumbro todas, inclusive as que não conheço. Não tenho mais medo de me aventurar.

4- O que você considera sendo o fator de maior importância nessa experiência? Essa abertura maior para trocas em geral, para o diferente, que é de suma importância na nossa sociedade hoje em dia. Está tudo definitivamente interligado. Na França se fala do Brasil hoje como há muito já os citamos. Hoje não acredito mais em matrizes de determinado conhecimento. Está tudo em continuidade e concomitância.

5- Como produtor cultural, o que mudou pra/em você depois do intercâmbio? A minha orientação profissional é um dos braços da minha personalidade, que determina todas as minhas escolhas. Tudo vai se delineando, uma experiência mesclada às outras: minha escolha profissional, ou meu potencial pra vivenciar o novo. Não sei o quanto um interfere no outro. Em um sentido global, o leque de possibilidades se amplia.

6- Você acredita que se tornou uma pessoa mais tolerante/compreensiva em relação a outras culturas e práticas culturais? Sim, esse é o ponto forte da experiência, embora tenha passado por momentos de picos entre a tolerância e a ausência dela.

7- Você acredita que o intercâmbio acadêmico colaborou para uma visão mais ampla do que pode ser o papel de mediador de um produtor cultural? Porque? Sim, o papel do mediador é comunicar, amarrar diferentes partes. A experiência de intercâmbio te obriga a ser um mediador constante entre o vivido e o novo e entre as diferentes possibilidades do presente. Mas não sei se é uma relação tão crua assim de causa e consequência. Tudo vai se construindo, potencialidades pessoais agregadas, fatores externos, novas diretrizes, etc.

8- Você se tornou uma pessoa mais politizada depois dessa vivência no exterior? Não sei. Voltei mais velha, serve?

9- O contato com estudantes universitários de outros países te fez/faz acreditar que existe uma "cidadania global" ou/e uma "Identidade Erasmus", no sentido de que pessoas que se propõem a essa experiência mesmo de culturas diversas podem ter traços, angústias, perspectivas etc. em comum? Sim, a diferença em relação aos europeus – em relação Europa - é que, até por fatores geográficos, isso já está muito mais inculcado na cabeça deles.

10- De que maneira a experiência do Intercâmbio acadêmico influenciou a sua formação como produtor cultural?

No meu caso, ela me ajudou a escolher minha especialização. A produção cultural é uma área ampla e pode continuar sendo, para alguns, que exploram essa versatilidade justamente. No meu caso, o contato que eu tive com museus de lá, contribuiu pra eu afunilar em um campo.

Parte II

1- Você acredita que o intercâmbio influenciou na sua escolha por trabalho? Não sei.

2- Você pensa em estudar e/ou trabalhar fora do país? Porque? Não planejo, mas não anulo a possibilidade.

3 Você acredita que aprendeu coisas na Universidade de destino que você não aprenderia na sua Universidade de origem? Caso a resposta seja afirmativa, dê um exemplo:

Sim, obrigatoriamente e sem juízo de valor. São outros professores, outros programas pedagógicos, outras pessoas, relações, etc.

Nome: Vanessa Pessoa

1- Você ficou quanto tempo em intercâmbio acadêmico? Em que cidade e país?

Fiquei um ano letivo, de set/2004 a jul/2005. Fui pra Universidad de Sevilla, Sevilha-Espanha

2- O curso no exterior fez diferença na hora de buscar um emprego? De que maneira?

Sim, a experiência no exterior é algo que desperta interesse dos recrutadores (de modo geral). O que pude perceber é que existe a expectativa de que alguém que se propôs a viver num outro país, a se

integrar numa outra cultura, tem - por principio, características como flexibilidade e tolerância, além da fluência em outro idioma.

3- O que mudou em você depois da experiência do intercâmbio acadêmico?

Tudo, :-) Foi um divisor de águas.

4- O que você considera sendo o fator de maior importância nessa experiência?

Tolerância, respeito ao próximo, vivências... Entender que há sempre outras interpretações, outros enredos para uma mesma história.

5- Como produtor cultural, o que mudou pra/em você depois do intercâmbio?

Viver na pele a "cultura como um conceito antropológico", isto é, dimensionar a cultura como uma teia de significados muito maior que o universo das artes. Entender que vestimentas, hábitos alimentares, gestos, palavras, enfim, "existir" é produto de uma série de fatores que, somados, dão forma ao que na graduação chamamos de 'cultura'.

6- Você acredita que se tornou uma pessoa mais tolerante/compreensiva em relação a outras culturas e práticas culturais?

Com absoluta certeza.

7- Você acredita que o intercâmbio acadêmico colaborou para uma visão mais ampla do que pode ser o papel de mediador de um produtor cultural? Porque?

Certamente, porque promove a descentralização do eu, ao mesmo passo que reforça suas relações de pertencimento e história.

8- Você se tornou uma pessoa mais politizada depois dessa vivência no exterior?

Nem mais, nem menos. Sempre estive às voltas com questões políticas/socias, mas a vivência no exterior, no meu caso na Europa, nos permite experimentar uma forma de vida em que os serviços públicos funcionam melhor e atendem a mais pessoas. Por otro lado, problemas e reclamações existem em todos os países, como temas de desemprego e saúde pública.

9- O contato com estudantes universitários de outros países te fez/faz acreditar que existe uma

"cidadania global" ou/e uma "Identidade Erasmus", no sentido de que pessoas que se propõem a essa experiência mesmo de culturas diversas podem ter traços, angústias, perspectivas etc. em comum?

Não acho que essa "cidadania global" esteja estritamente ligada a estudantes erasmus. São inumeros fatores a se considerar, desde fronteiras menores geograficamente falando a questão de moeda comum como o Euro. Sem contar que o intercambista latino-americano não é erasmus. Na minha época e na Espanha, não tinha uma bolsa Erasmus, eu tive que me bancar e me virar. A experiência é outra, a conjuntura é outra. Apesar disso, penso que de modo geral, uma pessoa que se propõe a sair da sua zona de conforto e se jogar no mundo compartilham alguns valores sim e, de uma forma ou de outra, gera uma identificação.

10- De que maneira a experiência do Intercâmbio acadêmico influenciou a sua formação como produtor cultural?

Viver na pele a "cultura como um conceito antropológico", isto é, dimensionar a cultura como uma teia de significados muito maior que o universo das artes. Entender que vestimentas, hábitos alimentares, gestos, palavras, enfim, "existir" é produto de uma série de fatores que, somados, dão forma ao que na graduação chamamos de 'cultura'.

ANEXO II

Nome: Ana Vasqués Domingos

Idade: 20

Cidade/ País: Vigo/ Espanha

1-Quanto tempo você esta fora do seu país?

R: Estou há 9 meses fora do meu país.

2-O que mais você sente falta do seu país?

R:Sinto falta da minha família e amigos.

3-Você acredita que se tornou uma pessoa mais tolerante depois do seu *Erasmus*?

R:Não sei se tolerante é a palavra correta, mas amadureci como pessoa.

4-O que você aprendeu de mais importante com essa experiência?

R: Que as pessoas precisam de outras pessoas para poder viver e serem felizes, e que podes chegar a gostar muito de alguém quase sem falar o mesmo idioma.

5-O que mudou em você com a experiência do *Erasmus*?

R: Acho que o que mudou é a minha maneira/forma de olhar a vida, agora acho que tenho uma mentalidade muito mais aberta.

6-Você se sente mais espanhola do que antes de sair do seu país?

R: Não. Me sinto igual de espanhola que antes, mas muito orgulhosa de ser do meu país.

7- antes do Erasmus você tinha alguma visão distorcida sobre determinada cultura e/ou país que mudou? Por quê?

R: Sim! Eu acho que agora conheço pessoas de países como Turquia ou Alemanha dos quais eu pensava certas coisas, tinha as minhas idéias e agora mudaram completamente!

Nome: Bárbara Bertoldi

Idade: 20

Cidade/ País: Canoas/ Brasil

1-Quanto tempo você esta fora do seu país?

R: Há 5 meses.

2-O que mais você sente falta do seu país?

R: Sinto muita falta da música, a música brasileira cativa as pessoas.

3-Você acredita que se tornou uma pessoa mais tolerante depois do seu *Erasmus*?

R: Sim. Muito mais tolerante, conviver com outras pessoas, totalmente diferente de você, faz com que você tenha mais paciência e tente compreendê-las.

4-O que você aprendeu de mais importante com essa experiência?

R: Que as pessoas são muito diferentes, e que temos muito a aprender com elas.

5-O que mudou em você com a experiência do *Erasmus*?

R: Tudo! Sou uma mais pessoa mais paciente, tolerante, amigável a conviver com diferentes culturas;

6-Você se sente mais brasileira do que antes de sair do seu país?

R: Sim. Aprendi a gostar muito do meu país, sei que ele tem muita coisa pra melhorar, mas agora darei mais valor para ele.

7- Antes do *Erasmus* você tinha alguma visão distorcida sobre determinada cultura e/ou país que mudou? Por quê?

R: Não. Sempre procurei conhecer as diferentes culturas e quando conheci pessoas de outros países procurei compreender porque eles agem desta maneira.

Nome: Lara Fernández Alonso

Idade: 19

Cidade/País: Vigo/Espanha

1-Quanto tempo você está fora do seu país?

R:10 meses

2- O que mais você sente falta do seu país?

R:Os cuidados da minha família, os amigos, a comida de casa.

3- Você acredita que se tornou uma pessoa mais tolerante depois do seu *Erasmus*?

R:Totalmente.

4-O que você aprendeu de mais importante com essa experiência?

R:Aprendi a valer-me por mim mesma e confiar nas pessoas.

5-O que mudou em você com a experiência do *Erasmus*?

R:Sou uma pessoa mais madura e com a mente mais aberta do que antes.

6-Você se sente mais espanhola do que antes de sair do seu país?

R:Não. Mesmo diria que me sinto menos espanhola do que nunca.

7- Antes do *Erasmus* você tinha alguma visão distorcida sobre determinada cultura e/ou país que mudou? Por quê?

R: Não. Sempre tentei ser uma pessoa sem preconceitos e tratar a cada pessoa como um indivíduo e não julgar pelos comentários que se façam em geral sobre as culturas.

Nome: Sara Rocamora

Idade: 21

Cidade/País: Alicante/Espanha

1-Quanto tempo você está fora do seu país?

R: 3 meses e meio.

2- O que mais você sente falta do seu país?

R: O que mais senti falta foram as janelas sem persianas e do rum preto.

3- Você acredita que se tornou uma pessoa mais tolerante depois do seu *Erasmus*?

R: Acho que sim, que tornei-me mais tolerante e aprecio mais a vida em casa.

4-O que você aprendeu de mais importante com essa experiência?

R: A minha aprendizagem mais importante foi que não há fronteiras, se queres conseguir alguma coisa podes e buscar a vida sem ajuda dos teus pais, colegas...

5-O que mudou em você com a experiência do *Erasmus*?

R: Mudou a minha maneira de pensar, agora não tenho medo de viver fora do meu país porque sei que seria capaz.

6-Você se sente mais espanhola do que antes de sair do seu país?

R: Eu me sinto menos espanhola que antes, descobri que há muitas pessoas diferentes, dentro e fora do teu país e que as diferenças nos enriquecem.

7- Antes do *Erasmus* você tinha alguma visão distorcida sobre determinada cultura e/ou país que mudou? Por quê?

R: Eu não tinha visão distorcida, mas, sim desconhecimento e não sabia como conviver tanto tempo com pessoas que podiam ser tão diferentes, mais descobri que as pessoas se diferenciam só pela língua. Há a mesma possibilidade de encontrar pessoas simpáticas na Espanha, Itália ou França e encontrar pessoas desagradáveis.

Nome: Kazim Ayanoglu

Idade: 26

Cidade/ País: Turco que vive em Hamburgo/Alemanha

1-Quanto tempo você esta fora do seu país?

R: 1 ano

2-O que mais você sente falta do seu país?

R: Sinto falta da minha mãe. Sinto falta de tudo. Comida, casa, pai, mãe, irmão, irmã, família.

3-Você acredita que se tornou uma pessoa mais tolerante depois do seu *Erasmus*?

R: Acho que sim.

4-O que você aprendeu de mais importante com essa experiência?

R: Eu aprendi a ficar tranquilo, eu aprendi uma nova língua, uma nova cidade e também encontrei muitos amigos.

5-O que mudou em você com a experiência do *Erasmus*?

R: ---

6-Você se sente mais turco do que antes de sair do seu país?

R: Sou turco, serei sempre turco.

7- antes do *Erasmus* você tinha alguma visão distorcida sobre determinada cultura e/ou país que mudou? Por quê?

R: Antes do Erasmus eu não sabia nada sobre Portugal ou Lisboa- Mas, agora eu sei mais. E, também tenho mais uma cidade na minha vida que eu adoro.

Nome: Mert Tuna Akartuna
Idade: 20
Cidade/ País: Ankara/Turquia

1-Quanto tempo você esta fora do seu país?

R: 11 meses

2-O que mais você sente falta do seu país?

R: Meu irmão.

3-Você acredita que se tornou uma pessoa mais tolerante depois do seu *Erasmus*?

R: Claro que sim.

4-O que você aprendeu de mais importante com essa experiência?

R: Que as pessoas no mundo, os estudantes, não são diferentes... Somos os mesmo... Fazemos as mesmas coisas, rimos das mesmas coisas, bebemos as mesmas bebidas... Todos os mesmos.

5-O que mudou em você com a experiência do *Erasmus*?

R: Tenho muitos amigos em todo mundo... É a melhor mudança...

6-Você se sente mais turco do que antes de sair do seu país?

R: Não. Eu me sinto menos Turco... Eu me sinto mais humano.

7- antes do Erasmus você tinha alguma visão distorcida sobre determinada cultura e/ou país que mudou? Por quê?

R: Nada mudou, porque sabia das coisas antes de ir para Portugal. Mas, aprendi muito mais.

Nome: Ana Luísa Moreira Nicolino
Idade: 22
Cidade/ País: Niterói/Brasil

1-Quanto tempo você esta fora do seu país?

R: Nove meses e cinco dia.

2-O que mais você sente falta do seu país?

R: Do contato direto com a minha família e do meu gato.

3-Você acredita que se tornou uma pessoa mais tolerante depois do seu *Erasmus*?

R: Culturalmente, sim. Acho que aprendi a respeitar melhor as diferenças culturais entre as pessoas.

4-O que você aprendeu de mais importante com essa experiência?

R: Que há universais e individualizações, que apesar das pessoas serem individualmente diferentes, há uma essência humana comum a todos.

5-O que mudou em você com a experiência do *Erasmus*?

R: Tudo. Não se é mais a mesma pessoa depois desse tipo de experiência, da vivência em um lugar diferente, da distância, das pessoas que conhecemos e da mundividência deles.

6-Você se sente mais brasileira do que antes de sair do seu país?

R: hummm... me sinto mais cosmopolita.

7- Antes do *Erasmus* você tinha alguma visão distorcida sobre determinada cultura e/ou país que mudou? Por quê?

R: sim. Portugal parecia ser um dos lugares menos interessantes e menos ricos, culturalmente, da Europa. Apesar disso, de todos os muitos países que visitei, aqui é onde eu mais me sinto confortável para viver. Aprendi também que o modo como as pessoas são tem a ver com a sua própria cultura e que é errado fazermos juízo de valores uma vez que nos propomos a nos imergir num ambiente cultural diferente. Nós é que temos que nos adaptar a uma nova sociedade. E, sobre os portugueses, especificamente, não é que sejam rudes ou grossos, mas são práticos, pragmáticos! É diferente do nosso "calor" e da nossa "abertura" a tudo, algo que passei a valorizar nos brasileiros. Mas não existe melhor ou pior, culturalmente falando. Existem muitas diferenças e todas devem ser respeitadas.

Nome: Rafal Czapski

Idade: 25

Cidade/ País: Varsóvia/Polônia

1-Quanto tempo você esta fora do seu país?

R: 10 meses

2-O que mais você sente falta do seu país?

R: --

3-Você acredita que se tornou uma pessoa mais tolerante depois do seu *Erasmus*?

R: Sim.

4-O que você aprendeu de mais importante com essa experiência?

R: Que viver fora do meu país é uma coisa que devo considerar como plano a longo prazo da minha vida.

5-O que mudou em você com a experiência do *Erasmus*?

R: Eu sou mais aberto, mais tolerante e tenho mais energia de vida.

6-Você se sente mais Polonês do que antes de sair do seu país?

R: Talvez em alguns pontos eu veja algumas diferenças, mas em geral eu não me sinto mais Polonês.

7- Antes do *Erasmus* você tinha alguma visão distorcida sobre determinada cultura e/ou país que mudou? Por quê?

R:Atualmente minha opinião sobre os Portugueses é bastante similar com o que vejo aqui, provavelmente porque estive em Portugal duas vezes antes de vir para o Erasmus.

Nome: Paolo Consentino

Idade: 23

Cidade/ País: Trento/Itália

1-Quanto tempo você esta fora do seu país?

R: 6 meses

2-O que mais você sente falta do seu país?

R: --

3-Você acredita que se tornou uma pessoa mais tolerante depois do seu *Erasmus*?

R: Sim

4-O que você aprendeu de mais importante com essa experiência?

R: Com essa experiência aprendi novas culturas, conheci pessoas de outros lugares, morei num outro país...são tantas coisas...

5-O que mudou em você com a experiência do *Erasmus*?

R: Eu acho que em me mudou um pouco o meu ser, a minha personalidade...Sinto-me um pouco um outra pessoa.

6-Você se sente mais italiano do que antes de sair do seu país?

R: Sinto-me sempre italiano..na Itália, fora da Itália..em todo o mundo e na mesma forma/maneira.

7- Antes do *Erasmus* você tinha alguma visão distorcida sobre determinada cultura e/ou país que mudou? Por quê?

R: Antes do meu *Erasmus* não tinha nenhuma visão distorcida sobre nenhuma cultura ou país

Nome: Petra Čermáková

Idade: 24

Cidade/ País: Pardubice/ República Tcheca

1-Quanto tempo você esta fora do seu país?

R: 5 meses

2-O que mais você sente falta do seu país?

R: Sinto falta da minha família e outras coisas como esquiar no inverno, mas não muito.

3-Você acredita que se tornou uma pessoa mais tolerante depois do seu *Erasmus*?

R: Sim, eu espero que sim.

4-O que você aprendeu de mais importante com essa experiência?

R: Que toda cultura tem uma ótima tradição e estilo de vida. E, que todas essas diferenças são realmente legais e interessantes.

5-O que mudou em você com a experiência do *Erasmus*?

R: Agora eu tenho muitos amigos incríveis em muitos países. Sou mais mente aberta e disposta para viajar. E, agora eu não tenho mais medo de viajar para lugares onde eu não domino a língua, porque eu melhorei meus conhecimentos durante a temporada Erasmus.

6-Você se sente mais tcheca do que antes de sair do seu país?

R: Eu acho que não. Porque eu me apaixonei por Portugal, sua cultura, e estilo de vida, e sinto muita falta disso.

7- Antes do *Erasmus* você tinha alguma visão distorcida sobre determinada cultura e/ou país que mudou? Por quê?

R:Não. Eu acho que eu não tinha.

Nome: Yiğit Güzelmeriç

Idade: 25

Cidade/ País: Istambul/Turquia

1-Quanto tempo você esta fora do seu país?

R: 6 meses

2-O que mais você sente falta do seu país?

R: Sinto muito, eu não senti falta do meu país, mas eu senti falta da minha família e comidas.

3-Você acredita que se tornou uma pessoa mais tolerante depois do seu *Erasmus*?

R: Sim, às vezes eu acredito nisso.

4-O que você aprendeu de mais importante com essa experiência?

R: Aprendi a surfar e Inglês.

5-O que mudou em você com a experiência do *Erasmus*?

R: Quando eu voltei pro meu país eu encontrei um bom trabalho, penso que seja por causa da melhora no meu inglês.

6-Você se sente mais turco do que antes de sair do seu país?

R: Não.

7- Antes do *Erasmus* você tinha alguma visão distorcida sobre determinada cultura e/ou país que mudou? Por quê?

R:--

Nome: Marta García Nogueira

Idade: 22

Cidade/ País: La Coruña/Espanha

1-Quanto tempo você esta fora do seu país?

R: 10 meses

2-O que mais você sente falta do seu país?

R: Do meu país, o que mais sinto falta, sem dúvida nenhuma, é a minha mãe. E, depois os seus gostosos jantares. Já que o Sol, a praia e os amigos tenho aqui também!

3-Você acredita que se tornou uma pessoa mais tolerante depois do seu *Erasmus*?

R: Acho que eu sempre fui uma pessoa bastante tolerante, mas sim que é certo que no erasmus sempre a desenvolves mais e melhor, já que experimentas a convivência com outras pessoas e conheces muita mais pessoas de todo o mundo.

4-O que você aprendeu de mais importante com essa experiência?

R: O que mais aprendi no Erasmus? acho que aprendi a amar a gente em muito pouco tempo, até ao ponto de ter saudades imensas na sua ausência. Aprendi a ter uma segunda família, formada por um pouquinho de tudo o mundo. Aprendi a cozinhar mais coisas que spaguettis e bifes de frango. Aprendi idiomas de tudo o mundo (só palavras soltas jaja). Aprendi tantas coisas Annanda do meu amor, que me entram as saudades de ter que abandonar esta vida.

5-O que mudou em você com a experiência do *Erasmus*?

R: Com esta experiência mudei as minhas horas de sono, havendo dias de não olhar o sol, de sair pela noite jajaja. No *Erasmus* sempre se muda um bocadinho de tudo da tua vida. Mudei muitos pensamentos sobre o meu presente e o meu futuro, já que não estava acostumada a viver com pessoas desconhecidas pra mim. Mudei melhor em tanto a ser mais madura, já que aprendes a conviver sem a tua família, e isso em parte é muito bom. Mas, o que não penso mudar depois destes 9 meses, é das minhas amizades que conheci cá:)

6-Você se sente mais espanhola do que antes de sair do seu país?

R: A verdade é que não me sento mais espanhola do que antes. Ao contrário, agora me sinto mais italiana, turca, polaca, alemã, brasileira, portuguesa...

7- Antes do *Erasmus* você tinha alguma visão distorcida sobre determinada cultura e/ou país que mudou? Por quê?

R: Antes de vir cá desconhecia por completo o legal que é Portugal, um país vizinho mas do que sempre tendemos a subestimar. Aprendi a amar Lisboa de tal forma que não quero voltar a realidade :(

Nome: Guilherme Polita

Idade: 22 anos

Cidade/ País: Guaporé / RS / Brasil

1-Quanto tempo você ficou fora do seu país?

R: 6 meses

2-O que mais você sentiu falta do seu país?

R: A família, os amigos e o jeito alegre do dia a dia brasileiro.

3-Você acredita que se tornou uma pessoa mais tolerante depois do seu *Erasmus*?

R: Sim. A convivência com pessoas de diversos países e línguas nos faz ter mais paciência e atenção para o entendimento.

4-O que você aprendeu de mais importante com essa experiência?

R: A convivência em grupo foi um grande aprendizado, por ter superado as diversidades de língua, cultura e costumes.

5-O que mudou em você com a experiência do *Erasmus*?

R: Voltei para o Brasil com as ideias mais abertas, com vontade de criar, de compartilhar experiências e de ajudar outros, conhecidos ou desconhecidos, a ter a mesma oportunidade.

6-Você se sente mais brasileiro do que antes de sair do seu país?

R: Com certeza. O ser humano tende a valorizar mais o que tem após um tempo longe. O orgulho da cultura, da gastronomia e do jeito brasileiro de ser aumentou.

7- Antes do *Erasmus* você tinha alguma visão distorcida sobre determinada cultura e/ou país que mudou? Por quê?

R: Antes de conhecer a Turquia, via o país muito atrelado a cultura muçulmana e as restrições da religião. Ao visitar Istambul e parte do interior, minha visão mudou totalmente. Comecei a enxergar o lado humano e o lado desenvolvido, onde o povo é muito fiel a suas amizades e planos futuros, tendo cidades muito bem estruturadas e preparadas para a conectividade com o mundo.

Anexo III

O PROJECTO

Rua São Pedro de Alcântara, 81
24 de Março | 17h30

O principal objetivo do *Lisboa Cidade Erasmus* não é só a potencialização e internacionalização da cidade de Lisboa dos dias de hoje, mas visa sobretudo criar possibilidades para o futuro, não só para a cidade mas também para os estudantes que a elegem como destino.

Por isso pretendemos que no próximo dia de 24 de Março 2012 seja apenas o primeiro evento de muitos outros que se seguirão e que farão parte do projeto *Lisboa Cidade Erasmus*.

Um projeto que procura definir o futuro
da cidade de Lisboa.

TU FALAS - NÓS OUVIMOS

BEM VINDOS

| Presidente da CML, António Costa e a sua equipa



THE PROJECT

São Pedro de Alcântara St., 81
24th March | 5h30 pm

The main goal of the project *Lisbon ERASMUS City* is to enrich and internationalize the city of Lisbon today but also to create possibilities of tomorrow - possibilities for Lisbon and the students who choose the city as their permanent or temporary home.

This is what we aim to do on March 24th 2012, when launching the first event *Lisbon ERASMUS City* out of many to come.

A project for the future of our city.

YOU SPEAK - WE LISTEN

WELCOME

| Mayor of Lisbon, António Costa and his team



COOPERAÇÃO

